

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE CEILÂNDIA

CURSO DE SAÚDE COLETIVA

JONATHAM YOUSEF SANTANA ALI

**GÊNERO E SAÚDE NO TRABALHO DAS PROFISSIONAIS GARIS DA
CEILÂNDIA/DF: REFLEXÕES DE UM ESTUDO DE CUNHO ETNOGRÁFICO.**

BRASÍLIA

2018

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CEILÂNDIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA

JONATHAM YOUSEF SANTANA ALI

**GÊNERO E SAÚDE NO TRABALHO DAS PROFISSIONAIS GARIS DA
CEILÂNDIA/DF: REFLEXÕES DE UM ESTUDO DE CUNHO ETNOGRÁFICO.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia da Universidade de Brasília – FCE, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Saúde Coletiva.

Banca Examinadora composta por:

Dra. Patrícia de Souza (Orientadora UnB)

Dra. Mariana Assunção Figueiredo Holanda

Dra. Priscila Almeida Andrade

BRASÍLIA

2018

Agradecimento

Primeiramente ao meu Deus que permitiu que tudo isso acontecesse, inserindo em meu ser um conhecimento divino, agradecimento esse que não se representa somente neste momento, mas todos os outros que vivenciei até chegar aqui, temporadas que as forças já haviam se esgotado, mas aquele que cuida do meu ser encaminhava forças para meu sustento.

Todo esse sonho começou no ano de 2013, onde as dores, os medos tentavam me paralisar, porém, o meu Senhor, permitiu que tudo isso acontecesse para que eu chegasse até aqui, realmente não foi fácil as dificuldades foram imensas, mas as conquistas superaram todas as dores.

Ao meu avô Valdemar, que todos os dias é o meu principal motivador para superar meus limites e dificuldades para alcançar esse grande sonho, que nos momentos de dispersão me auxiliava a encontrar novamente meu foco, a principal inspiração para a realização deste trabalho. A sua existência fez com que eu chegasse até aqui, ele é a minha fonte de inspiração.

Ao meu pai, Jamil, por todo apoio, dedicação me auxiliando muito para a realização deste sonho, que nos momentos de dificuldade estava sempre ali para me ajudar. Agradeço por tudo até chegar aqui.

À minha mãe, Rosana, a heroína que quando precisava de um abrigo estava sempre ali para transmitir o apoio que eu necessitava, aquela que nunca desacreditou do meu potencial, nos momentos de dificuldade era sempre ela que, com sábias palavras, acalmava o meu coração, minha matriarca sem o seu grande papel não teria chegado até aqui.

À minha avó, Maria Abadia, pelo incentivo, auxílio, carinho e confiança, sempre esteve ali presente esperando o meu retorno da universidade sempre fazendo o melhor para me agradar, nos momentos de desânimo e cansaço me surpreendia com a sua força gigantesca. Amo você!

Ao meu tio, Abbas, que neste período me surpreendeu muito se tornando neste processo mais que um tio, um grande auxiliador, um amigo, um pai, em todos os momentos que eu pensava que estava em uma fase difícil sua presença acalmava

meu coração, pelas suas atitudes me ensinava muito, corrigindo meus erros para que esse momento se tornasse real; todo o auxílio financeiro me ajudou a chegar até aqui, minha eterna gratidão por todos os momentos que estive ao seu lado. Ao meu tio Ibrahim, que nesses anos foi um inspirador para realização e conquistas dos meus projetos.

Aos meus familiares, em especial à minha avó Maria Lucia, que sempre incentivou a realização deste sonho. Agradeço às minhas tias, Angélica, Katia, Luciana e Regina por todos os ensinamentos durante esta caminhada, pois me auxiliaram, dando forças para continuar acalmando minhas emoções, sempre transmitindo alegria e descontração. Amo vocês!

Ao meu irmão, David, que sempre esteve ali próximo escutando os meus projetos e sonhos. Agradeço ao meu primo, Mateus Yusef, que nesta caminhada superou os limites e se tornou um grande parceiro, sempre presente durante toda essa trajetória. À minha esposa Yasmin, que durante esses anos esteve sempre ao meu lado, acreditando no meu potencial, injetando coragem e confiança em mim, a ela todo agradecimento pela compreensão pela minha ausência, falhas e momentos que o estresse chegava e somente ela tinha o poder de me acalmar. O melhor de tudo isso é saber que você está sempre presente me ajudando em tudo, a mulher guerreira que eu pedia a Deus. Amo Você!

Aos meus amigos, da Universidade de Brasília, que em todos os momentos sempre estavam ali dispostos a me ajudar, minha eterna gratidão a vocês Diego, Elina, Naifa e Sandra, tenho a certeza que serão excelentes gestores para essa geração. Obrigado por toda ajuda nos momentos complexos.

A esta Universidade de Brasília, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram este momento onde enxergo um horizonte superior, em especial às professoras, Inez Montagner e Priscila Almeida Amo Vocês!

Aos profissionais de limpeza urbana, que contribuíram com a minha pesquisa, pelo tempo e as experiências concedidas sobre todos os aspectos do trabalho. Muito obrigado!

À minha orientadora, Patrícia Rezende, uma pessoa de um coração gigantesco, uma tranquilidade infinita, dotada de um espectro intelectual incomparável, muito obrigado por acreditar neste sonho, sou grato pelos conhecimentos repassados, foi a pessoa fundamental para a realização deste estudo, quando eu acreditava que estava tudo

muito ruim as suas mensagens me inspiravam a continuar, a melhor escolha que fiz foi trabalhar com você!

A todos que de alguma forma me ajudaram a conquistar esse sonho deixo o meu muito obrigado, vocês foram fundamentais para a concretização deste sonho. A banca examinadora em especial a Priscila Almeida e Mariana Assunção Figueiredo. Muito Obrigado.

Resumo

O estudo realizado versa sobre o universo de trabalho dos garis, da região da Ceilândia, no Distrito Federal. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa que buscou levantar pistas para uma reflexão sobre as relações de gênero na organização do trabalho e suas possíveis implicações para a saúde das profissionais garis. Apesar de ser uma profissão altamente relevante em termos sócio sanitários, a pesquisa revela que o trabalho de gari, por muitas vezes não apresenta valor para a sociedade. Foi observado como esta é uma profissão cansativa, desvalorizada, que submete os trabalhadores à muitas situações desagradáveis. Trata-se de um ofício que conta com muitas mulheres trabalhadoras, o que nos motivou a realizar o estudo. O principal objetivo dessa pesquisa foi discutir as relações de gênero no trabalho da limpeza urbana na Ceilândia – DF, e suas possíveis implicações na saúde para as mulheres garis desta localidade. Este estudo teve caráter exploratório e, através dele, fizemos uma descrição da realidade dos serviços na profissão de gari e levantamos questões sobre a divisão sexual e organização deste ofício, tentando refletir sobre seus possíveis efeitos na saúde dos trabalhadores – especificamente das mulheres garis. Mesmo diante de dificuldades percebidas no cotidiano de trabalho, a pesquisa também nos mostrou a satisfação de alguns colaboradores e a importância deste ofício para que possam viabilizar suas existências e garantir seus direitos de cidadania. Analisar e entender os quesitos desta profissão é antes de tudo necessário, pois contribuem para pensarmos em melhorar as condições de trabalho destes profissionais e para a própria limpeza e organização urbana, que é essencial para a saúde e o bem-estar da população, no geral.

Palavras- chave : Invisibilidade, Preconceito, Condições de Trabalho, Gênero, Saúde da Mulher, Bem- estar, Valorização Profissional.

Abastract

The present study deals with the universe of work of garis, from the region of Ceilândia, in the Federal District. It is a qualitative study that sought to discuss about gender relations in the organization of work and its possible implications for the health of garis professionals. Despite being a highly relevant profession in socio-health terms, the research reveals that the work of gari often has no value to society. It has been observed how this is a tiresome, devalued profession, which subjects workers to many unpleasant situations. It is an office that has many women workers, which motivated us to carry out the study. The main objective of this research was to discuss gender relations in the work of urban cleaning in Ceilândia - DF, and its possible health implications for women garis of this locality. This study was exploratory and through it we described the reality of services in the gari profession and raised questions about the sexual division and organization of this office, trying to reflect on its possible effects on the health of workers - specifically women garis. Even in the face of perceived difficulties in the daily work, the research also showed us the satisfaction of some collaborators and the importance of this office so that they can make their existences feasible and guarantee their rights of citizenship. Analyzing and understanding the requirements of this profession is first and foremost necessary, since they contribute to the improvement of the working conditions of these professionals and to their own urban organization and cleanliness, which is essential for the health and well-being of the general population .

Keywords: Invisibility, Prejudice, Working Conditions, Gender, Women's Health, Well-being, Professional Valuation.

Lista de abreviaturas e siglas

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
CNS	Conselho Nacional de Saúde
DF	Distrito Federal
Fepecs	Fundação de Ensino e Pesquisa em Ciência da Saúde
GPS	Global positioning system
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEC	Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor
MS	Ministério da Saúde
OMS	Organização Mundial da Saúde
PNAD	Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio
R.A.	Região Administrativa
SES	Secretaria Estadual de Saúde
SLU	Superintendência de Limpeza Urbana
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Sumário

Introdução.....	10
Justificativa.....	13
Objetivos.....	14
Metodologia.....	15
Aspectos Éticos da Pesquisa.....	17
Referencial Teórico.....	20
Resultados/Discussão.....	25
1. O Trabalho do Gari.....	26
1.1 O cotidiano do Trabalho.....	26
1.2 Percepções dos Trabalhadores acerca do Trabalho.....	28
1.3 Desafios e dificuldades do Trabalho.....	30
2. Relações de Gênero no Trabalho do Gari.....	32
2.1 Trabalho de Gari é Trabalho de Mulher.....	32
2.2 Divisão do Trabalho a partir de Gênero: Força e Resistência x Fragilidade.....	35
3. Concepções de Saúde dos Profissionais.....	38
3.1 Visões sobre Saúde.....	38
3.2 Saúde como possibilidade de trabalhar.....	39
4. Saúde, Trabalho e Gênero.....	40
Considerações Finais.....	43
Referências.....	45
Anexo 1. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	50
Anexo 2. Questionário de Entrevistas para os Profissionais de Limpeza Urbana Garis da Ceilândia/DF.....	51
Anexo 3. Respostas do Questionário dos Profissionais de Limpeza Urbana Garis da Ceilândia/DF. Participantes Homens e Mulheres.....	53
Anexo 4. Parecer Comitê de Ética.....	77

Introdução

Esta pesquisa busca compreender melhor as relações de gênero no trabalho da limpeza urbana na Ceilândia – Distrito Federal (DF), e suas implicações nas condições de saúde das mulheres garis, traçando relações possíveis, a partir de suas próprias concepções de saúde.

Segundo dados da Pesquisa Nacional de Saneamento Básico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no Brasil, mais de 80% da população reside no meio urbano. Sendo assim, o crescimento populacional tem contribuído para o vasto consumo de produtos industrializados que diretamente ocasionam impactos ambientais negativos (RIZZO, 2010).

O lixo representa, hoje, uma ampla ameaça a todos devido à grande quantidade e ao descarte inadequado. No Brasil, a Pesquisa Nacional de Saneamento Básico, realizada pelo IBGE (2017), menciona que 50,8% do lixo é abandonado a céu aberto em locais impróprios, permitindo a proliferação de vetores capazes de transmitir várias doenças (IBGE, 2017).

Sendo notável neste País, a forma inadequada do descarte dos resíduos sólidos, torna necessário o incentivo e estímulo da mudança de hábitos da população, despertando a conscientização para jogar o lixo no devido local.

O lixo, quando exposto de forma incorreta no meio ambiente, pode causar riscos de grande magnitude à saúde pública, além dos impactos causados pela poluição visual proporcionado uma paisagem desagradável, contribuindo assim negativamente para o uso de outras atividades no local (SIQUEIRA, 2009).

A limpeza urbana é umas das funções mais importantes para todas as cidades, pois a principal função é colaborar para controlar a proliferação do lixo nas cidades, já que podem provocar efeitos prejudiciais ao bem-estar físico, mental e social, sendo seus trabalhadores, os garis, responsáveis por remover os resíduos nos locais públicos.

Dentro desse contexto, o papel dos profissionais de limpeza urbana no Brasil é de grande importância para a comunidade e ao meio ambiente, ao conservar a limpeza das vias públicas recolhendo os resíduos descartados de forma errada pela população e destinando-os para o devido local (COSTA, 2008).

No contexto da limpeza urbana, campo de investigação deste trabalho, muitas vezes, a função atribuída aos profissionais é definida como uma profissão feminina.

Diante disso, ao estudar esta profissão percebemos a relevância de compreender como a categoria de gênero se insere nas relações de trabalho deste grupo, nas suas diversas formas, tendo como foco o trabalho realizado na Ceilândia, Distrito Federal (BANDEIRA; DE ALMEIDA, 2015).

Segundo dados divulgados pela Codeplan (2015), a população do Distrito Federal, foi de 2.906.574 habitantes, o que coloca o DF como a terceira maior região do Brasil. Segundo a Codeplan, a Região Administrativa da Ceilândia corresponde a 479.713 habitantes. A abrangência de quase totalidade dos domicílios (98%) de serviço de coleta urbana de lixo de acordo com a pesquisa nacional de amostra por domicílio (PNAD).

Hirata e Kergoat (2007), ao se debruçarem sobre gênero e trabalho, discutem como a esfera do trabalho pode ser organizada a partir do gênero. A divisão sexual do trabalho, que diz respeito à esfera produtiva, evoca uma distribuição de tarefas nas sociedades a partir dos significados de feminino e masculino que atuam como pressupostos organizados do processo de trabalho. Em suas palavras,

A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma é modulada histórica e socialmente. Tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (HIRATA e KERGOAT, 2007, página. 599).

Para essas autoras, o trabalho desempenhado por um homem tende a valer mais do que o trabalho desempenhado por uma mulher e tais significados são sobrepostos a qualquer sociedade. Diante disso, ao estudar a profissão de gari, é de grande relevância identificar como o gênero se insere nas relações de trabalho deste grupo, nas suas diversas formas de atuação. (BRUSCHINI, 1994).

Como consta em diversos estudos sobre a saúde da mulher, fazemos aqui uma abordagem do conceito de gênero tendo como referência a definição da historiadora Joan Scott (1990, P. 14) para quem gênero é “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder”.

A seguir, buscamos discutir a escolha do tema, construindo neste momento, a justificativa e descrevendo a motivação da pesquisa. E então, descreveremos os objetivos. Depois, discutimos as escolhas metodológicas utilizadas para a realização

deste estudo, com os profissionais de limpeza urbana, explicitando a abordagem da pesquisa e detalhando minuciosamente cada etapa do mesmo, tipo e área do estudo, fonte, nível de abrangência, marco temporal e a utilização de cada técnica proposta, além dos aspectos éticos implicados nesta pesquisa. A seção seguinte versa sobre o referencial teórico, abordando os principais conceitos teóricos ao objeto do estudo, as diferentes concepções dos autores, onde discutimos os trabalhos encontrados nas rápidas buscas bibliográficas sobre o lixo, gênero, mulher e trabalho, além de uma pesquisa documental sobre projetos de lei, de grande relevância a construção da SLU no DF.

Justificativa

Esse tema foi escolhido por ser de suma importância o reconhecimento de todo e qualquer profissional que contribua para o bem-estar e a manutenção da saúde da sociedade, tendo em vista que eles lidam com a limpeza das ruas evitando a proliferação de doenças causadas por pragas urbanas que são atraídas pelo lixo.

A partir de um olhar que considera a saúde como resultado de múltiplos fatores em interação, como produto social, entendemos que diversos determinantes sociais influenciam na saúde destes profissionais da limpeza urbana (Costa, 2001), dentre os quais, as relações de gênero podem atuar como possíveis fatores – o que buscamos investigar. Esperamos, deste modo, compreender como se dão as relações de gênero no trabalho das mulheres garis e suas implicações para a sua saúde.

Desde as vivências que obtive em outras disciplinas, quando trabalhei com este grupo na graduação em Saúde Coletiva, entendi a importância de estudar a profissão dos profissionais garis.

Nestes trabalhos realizados anteriormente, por meio das visitas de campo, percebi uma grande invisibilidade social, persistente nas falas destes profissionais com quem conversei. Os trabalhadores apontavam que, além das dificuldades diárias em relação às suas atribuições, se deparam com algo, classificado por eles, como o mais difícil de lidar, que é o preconceito, discriminação e desrespeito por parte da sociedade. Assim, graças ao conhecimento acumulado sobre a temática, além do grande interesse pessoal, esta proposta de trabalho foi elaborada.

Diante disso, esta pesquisa tem como propósito contribuir para a sociedade, trazendo reflexões para problematizarmos e desmistificarmos o universo destes sujeitos nesta profissão, que enfrentam diversos desafios, além da invisibilidade presente nos seus cotidianos de trabalho.

Objetivos

- **Geral**

Discutir as relações de gênero no trabalho da limpeza urbana na Ceilândia – DF, e suas possíveis implicações na saúde para as mulheres garis desta localidade.

- **Específicos**

1. Compreender o trabalho da limpeza urbana na Ceilândia.
2. Identificar como esta profissão se organiza em termos de gênero.
3. Investigar as concepções de saúde das mulheres relativas ao trabalho de gari.
4. Refletir sobre as possíveis implicações das relações de gênero no trabalho das mulheres garis para sua saúde

Metodologia

Esta pesquisa se debruçou sobre o trabalho de limpeza urbana na Ceilândia, identificando como esta profissão se organiza na divisão das atividades estabelecidas pelos profissionais homens e mulheres, buscando abranger a totalidade dos problemas em suas múltiplas funções (MINAYO, 2001). Todos os participantes foram encontrados em seu local de trabalho no horário do expediente, onde foi marcado um horário para ser apresentado o projeto da pesquisa a cada participante, que pôde aceitar ou recusar a fazer parte da mesma.

Para Seabra (2001), o procedimento metodológico inclui as concepções teóricas de abordagem, isto é, o conjunto de técnicas que possibilitam compreender a realidade e a contribuição do potencial criativo do pesquisador. É o caminho do pensamento e a prática exercida no processo de apreensão da realidade.

Contamos, então, com um referencial metodológico de cunho qualitativo. Esta abordagem, segundo Goldenberg (1997), não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social. Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um ambiente mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001).

Nos inspiramos em trabalhos etnográficos e, assim, a análise teve como objetivo esclarecer de que maneira as coisas vêm a ser como são nos grupos sociais, de que maneira cada grupo é organizado e como cada membro apreende e dá sentido à realidade social (COULON, 1995).

Os dados foram produzidos, a partir de um trabalho de campo, guiado por uma observação participante na Região Administrativa (RA) de Ceilândia, Distrito Federal. Iniciando nossa pesquisa no dia 28 de agosto de 2018, quando realizamos uma busca para encontrar os profissionais que aceitassem participar da pesquisa.

Em campo, investigamos o modo de organização do universo do trabalho da limpeza urbana, com conversas informais nos locais de trabalho dos garis de Ceilândia e realizamos uma imersão, junto aos profissionais – sobretudo com as mulheres garis – na Ceilândia que foi toda registrada em diário de campo. Além disso, a observação foi combinada com entrevistas semiestruturadas com dez profissionais locais, sendo cinco do sexo masculino e cinco do sexo feminino. Para garantir o sigilo,

conforme acordamos com os profissionais participantes, nomeamos cada um deles com nomes fictícios. Todas as entrevistas foram escritas com uma duração média de uma hora, por entrevistado, por encontro.

As entrevistas foram realizadas próximos aos locais de trabalho dos sujeitos envolvidos, geralmente em praça onde os participantes escolhiam, tendo em vista a preferência por ambientes reservados e seguros, de modo que não houvesse interrupção, com o objetivo de garantir a qualidade da interação e também para que os profissionais/sujeitos sintam à vontade. Todas as etapas da pesquisa foram registradas no diário de campo.

A participação foi estabelecida de forma esclarecida e voluntária, conversamos e apresentamos a proposta para quinze profissionais sendo que dez aceitaram e cinco recusaram a participar, com medo de futuras implicações no trabalho. Mesmo explicando todos os cuidados éticos na condução da pesquisa, tivemos essa recusa. Percebemos então que dois participantes estavam desconfortáveis a participar, no mesmo momento paramos a conversa sobre seu trabalho e mudamos de assunto, logo depois perguntei se sentia confortável a continuar foi quando o participante preferiu parar ali, então logo agradei sua participação e fui em busca de outros profissionais.

Para realização da observação participante, foi explicitado todos os aspectos da pesquisa, bem como objetivos, intenções, garantindo que as pessoas envolvidas estivessem constantemente esclarecidas, em relação ao que consiste a pesquisa. Procuramos, por meio da observação direta, compreender o trabalho executado, a forma organizacional, as operações e as funções em termos de gênero, documentar as possíveis fontes de riscos à saúde destes profissionais, bem como as concepções de saúde das mulheres no trabalho.

A minha inserção no campo foi de uma maneira muito tranquila, sem grandes impedimentos para que pudesse acessar os profissionais e acompanhá-los em seu trabalho. De minha parte, o primeiro momento foi um choque de realidade, pois tratava-se de um universo muito diferente do meu. Eram evidentes as muitas dificuldades enfrentadas por esses profissionais. Ouso dizer que, só de poder refletir de perto sobre esta realidade, já tive um aprendizado incomensurável.

Nos primeiros encontros percebi um tratamento com uma abordagem superior (as pessoas me chamavam de “doutor”), o que me fez refletir sobre as relações de

poder estabelecidas naquelas interações e meu lugar nestas. Trabalhei de uma maneira para quebrar essa barreira com objetivo que a pesquisa não sofresse alterações, ressaltei que estava ali como um pesquisador que, incomodado com as condições de trabalho e a saúde deles (as), comecei a realizar este estudo.

Nesta pesquisa, as fontes utilizadas foram as fontes de informações primárias que são os documentos que geram reflexões posteriores para ampliar o conhecimento do tema, com informações mais precisas e originais (Bueno, 2009). Ainda assim, parte dos dados foram coletados nas pesquisas documentais, o que compõe dados secundários a serem combinados com as demais informações produzidas na pesquisa, no processo de análise.

A quantidade reduzida de trabalhos publicados sobre a temática explorada apresentou uma grande limitação ao estudo, dado que tínhamos poucos parâmetros de comparação. Além disso, o tempo reduzido que tivemos para a observação e a pequena quantidade de pessoas entrevistadas, nos limitou à realização de um trabalho ainda de caráter exploratório, através do método etnográfico. Em contrapartida, apesar do pequeno porte, esperamos que este estudo tenha contemplado os objetivos buscados, podendo assim fornecer importante contribuição para o campo.

Aspectos éticos da pesquisa

Através da resolução número 466, de 12 de dezembro de 2012, do conselho nacional de saúde (CNS), do Ministério da Saúde (MS), contamos com normas e diretrizes que visam regulamentar as pesquisas com participações humana, incluindo também seus dados e descrições pessoais, sendo assim esta pesquisa utiliza os princípios éticos para sua realização.

O recrutamento das participantes desta pesquisa não foi coercitivo. Quando o convite foi recusado, em qualquer momento, a/o participante poderia deixar de participar da pesquisa sem que lhe ocorra qualquer tipo de prejuízo. Além da liberdade de decisão sobre participar ou não da pesquisa, também nos comprometemos em deixar claro aos sujeitos que não se pretende causar nenhum desconforto ou constrangimento. Se caso isso ocorresse, por qualquer motivo que seja, faríamos o que fosse necessário para minimizar o problema – seja com a interrupção da entrevista e da interação, seja com a mudança de local, ou até mesmo de tema da

conversa. Deste modo, conduzimos a pesquisa, agindo da forma mais respeitosa possível para com nossos interlocutores.

Tanto para as entrevistas como para a observação, foi apresentado aos interlocutores os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sob os critérios da ética em pesquisa com seres humanos. Todos participantes receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), convidando a participar deste estudo. Neste documento enfatizamos, de forma clara e objetiva, o reconhecimento da/o participante como sujeito de direitos, autônomo. Igualmente, constava o pedido de autorização para gravação de voz dos participantes, de modo que se possa usar suas falas no estudo, tendo garantido ainda, o sigilo e seu anonimato. Foi redigido com uma linguagem clara e simples, sem terminologias muito acadêmicas, de modo que estivesse adequado para o entendimento dos profissionais, possivelmente leigos em relação a termos e conceitos científicos. Foi disponibilizado o e-mail e telefone pessoal do pesquisador responsável e do comitê de ética em pesquisa, caso o participante tenha dúvidas sobre sua participação. Também ofereci oferece o tempo necessário para que a/o convidado da pesquisa possa refletir sobre sua contribuição e participação neste estudo, efetivando assim as medidas de proteção. O TCLE foi entregue impresso e registrado também em registro oral.

Os dados dos participantes são de responsabilidade do pesquisador, que - através do TCLE - se empenhou com a garantia do princípio da confidencialidade nesta pesquisa, pois a exposição inadequada infringe as normas éticas e expõe os participantes. Usamos, portanto, de nomes fictícios e buscaremos o máximo de anonimato, dificultando que estes sejam reconhecidos e identificados. O TCLE, que formaliza a anuência voluntária do sujeito em participar foi preenchido por todos os participantes (profissionais garis).

Este estudo apresentava uma dimensão de riscos pois se trata de uma pesquisa com seres humanos. Como a condução da pesquisa foi feita apenas com a aplicação de entrevistas e o acompanhamento dos profissionais, os possíveis riscos dizem respeito, sobretudo à dimensão emocional pois ao responder as entrevistas, talvez haja algum desconforto com as perguntas, ou mesmo com a presença do pesquisador no seu local de trabalho. Para minimizar estes riscos, ficamos atentos para a privacidade das pessoas envolvidas neste trabalho e buscamos horários mais convenientes para a interação, conforme sugerido pelos próprios participantes, de

modo que não cause transtornos em suas atividades. Ademais, podemos interromper o andamento da atividade conforme solicitado, a qualquer momento da pesquisa.

Em termos de benefícios para o participante, a presente pesquisa não conta com nenhum tipo de pagamento, ou benefício material. Contudo, entendemos que a participação pode ter um efeito positivo na vida deste, pois a interação e a demanda de reflexão sobre si e sobre seu trabalho, pode ser importante para sua vida pessoal. Ademais, apesar de não oferecermos benefícios diretos aos participantes, os resultados da pesquisa podem beneficiá-los indiretamente, dado que poderão subsidiar novos estudos e medidas de valorização e melhoria das condições de saúde no trabalho, para estes.

Por um imperativo ético, planejamos voltar a campo, no final do estudo para apresentar as entrevistas e os principais resultados produzidos, de modo que estes resultados fossem divulgados apenas depois de compartilhados com as/os participantes e questionado pelos mesmos. Contudo, não foi possível cumprir com este plano, devido ao curto espaço de tempo hábil. Ainda assim, pretendemos fazê-lo mesmo depois de apresentado à banca como Trabalho de Conclusão de Curso, pois consideramos importante que estes profissionais estejam de acordo e cientes de nossos achados e reflexões

A análise de dados foi realizada pelo pesquisador a partir das descrições dadas pelos profissionais entrevistados, por meio de comparação do conteúdo das respostas com a vivência e conhecimento da realidade do trabalho. Após os dados foram articulados com pesquisas que trabalham a mesma temática, respondendo as questões da mesma com base ao seu objetivo.

O financiamento deste estudo foi de responsabilidade do próprio pesquisador principal. Ao longo do percurso da pesquisa, fizemos tudo o que nos foi possível para tornar o instrumento de coleta de dados mais eficaz e ético e menos invasivo aos participantes. A devolução dos resultados deste estudo será através da versão final do trabalho de conclusão de curso do pesquisador que todos participantes participarão de uma apresentação dos resultados. Se possível, buscaremos publicar os resultados em futuros artigos.

Referencial teórico

Para a fundamentação teórica desta pesquisa, entendemos ser necessário aprofundar nossa compreensão acerca da problemática do lixo e buscamos refletir um pouco mais sobre a importância da limpeza urbana, neste contexto.

O lixo pode ser classificado como seco, úmido, domiciliar, doméstico, público, industrial, agrícola, hospitalar e outros. Segundo dados da Pesquisa Nacional de Saneamento Básico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) ¹ Cada brasileiro produz 1,1 quilogramas de lixo em média por dia. No País, são coletadas diariamente 188,8 toneladas de resíduos sólidos. Desse total, em 50,8% dos municípios, os resíduos ainda têm destino inadequado.

Segundo a Associação Brasileira de Normas Técnicas, - “os resíduos sólidos são resíduos que estão nos estados sólidos e semissólidos, que são resultados das atividades da comunidade de origem: industrial, doméstica, hospitalar, comercial, agrícola, de serviços e de varrição” (ABNT, 2004).

O desenvolvimento populacional vem gerando a cada dia o aumento dos resíduos sólidos urbanos devido ao elevado consumo de produtos industrializados. O lixo nas grandes cidades tem contribuído para o crescimento de conflitos ambientais negativos, pois em grande maioria o descarte é feito erroneamente (RIZZO, 2010).

De acordo com o Instituto Brasileiro do Consumidor (IDEC) os principais problemas gerados pela disposição inadequada dos resíduos se relacionam à saúde pública e a degradação ambiental. É possível observarmos que os impactos negativos originados do lixo descartado de forma inadequada podem provocar contaminações de água e do ambiente, enchentes, proliferação de vetores transmissores de doenças, poluição visual e mau cheiro (IDEC, 2001).

O serviço de limpeza urbana foi iniciado oficialmente em 25 de novembro de 1880, no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, através do Decreto nº. 3024, que tratava da aprovação de um contrato de “limpeza e irrigação”, que foi executado por Aleixo Gary e, mais tarde, por Luciano Francisco Gary, de cujo sobrenome origina-se a

¹ Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/27032002pnsb.shtml> Acessado em 15/10/2017.

palavra gari, que hoje denomina-se os trabalhadores da limpeza urbana em muitas cidades brasileiras (MONTEIRO, 2001).

Para a Companhia Municipal de Limpeza Urbana do Rio de Janeiro (COMLURB, 2009) o gari é o profissional de limpeza que trabalha exclusivamente com lixo, assegurando a limpeza da via pública. Executa serviços que envolvem, durante a sua jornada de trabalho, o recolhimento de lixo urbano, domiciliar e hospitalar, transferência de lixo de rampas, carregamento e descarregamento de caminhões de lixo urbano, limpeza e coleta das instalações da empresa, coleta de lixo de logradouros públicos, dentre outras atividades relacionadas com a manutenção da limpeza urbana (COMLURB, 2009).

Os garis são importantes agentes de limpeza urbana e essenciais para a conservação da cidade. Responsáveis pela coleta do lixo e pela limpeza de ruas e avenidas, estes profissionais realizam, ainda, a coleta seletiva, a coleta dos resíduos de saúde, a limpeza de deposições, a limpeza de ruas e avenidas, a limpeza das bocas de lobo e da capina, a limpeza dos córregos. Eles combatem, de forma direta, várias doenças que se desenvolvem com o acúmulo dos resíduos, como, por exemplo, a dengue (SLU, 2017).

Os garis que realizam a coleta seletiva executam suas tarefas em ritmo acelerado, carregando vários sacos de lixo ao mesmo tempo, segurando-os pelas mãos, sob os braços e apoiando-os no tórax, o que eleva a possibilidade de acidentes por lesões cortantes, alterações musculares e problemas na coluna vertebral. Encontram-se, ainda, submetidos às situações nas quais podem acontecer atropelamentos diante disso, são comuns as queixas de dores musculares pelo excesso de corrida em um roteiro (NEVES, 2003).

Além disso, observa-se que há um grande preconceito atribuído a esta profissão que lida com a invisibilidade, que é resultado de um longo processo que contém como desígnio acarretar o rebaixamento da percepção destes profissionais, tornando esses trabalhadores seres invisíveis onde o reconhecimento é pequeno. As jornadas de trabalho são elevadas, as condições de trabalho são desprezadas, o trabalho é desqualificado alienado e alienante (COSTA, 2008).

O serviço de limpeza no Distrito Federal é responsabilidade do Serviço de Limpeza Urbana (SLU), estabelecida no decreto número 76 de 1961. Naquele período enfrentava-se uma série de problemas com lixo, pois o próprio não tinha a devida

coleta e destinação, problema este agravado pelo crescimento populacional no período automaticamente a produção de resíduo sólido aumentou de uma forma significativa, hoje em dia a atividade é executada por meio de contrato de prestação de serviço que terceiriza a atividade a empresas privadas (SLU, 2017).

Na sociedade contemporânea, podemos perceber que a desigualdade social ainda se faz presente, trazendo como consequência a exclusão e a invisibilidade social, preconceitos fortes vivenciados pelos profissionais garis, por ser o lixo seu objeto de trabalho, muitas pessoas os “desqualificam” ou mesmo “ignoram”, agravando a invisibilidade social. Tal função era comparada ao lixo, como aquilo que não serve mais para a sociedade (Costa, 2014).

“[...] através dos pensamentos, das atitudes se inicia a formação do preconceito, impressões estereotipadas formuladas sobre pessoas ou determinados grupos sociais, que está presente nos diversos contextos das relações sociais. A partir da percepção social, o homem forma impressões sobre si mesmo e sobre os outros. Tais impressões partem de sua interação com o mundo e são organizadas em nível cognitivo, estando relacionadas a afetos positivos ou negativos (Camino, Maciel, Brandão, & Gomes, 1996, p. 28)”.

Levando em conta a relevância sócio sanitária da profissão dos garis e as condições adversas em que executam suas funções, procuramos refletir, então, como as relações de gênero estão implicadas no seu universo do trabalho e como podem influenciar nas suas condições de saúde. Para tanto, precisamos refletir sobre gênero e trabalho. Mas, o que é gênero?

Para Piscitelli (2002), o gênero é uma construção sociocultural em torno dos sexos. Mariano (2008) define que o gênero busca compreender as relações sociais e como elas são desenvolvidas na sociedade. Oliveira (1999) conclui que o gênero é utilizado para explicar os atributos particulares a cada cultura que impõe ao homem e a mulher, construindo assim etapas da construção do poder entre homens e mulheres. Scott (1990), por sua vez, argumenta que o conceito de gênero foi criado para opor-se a um determinismo biológico nas relações entre os sexos, dando-lhes um caráter fundamentalmente social. Em termos gerais, as teorias de gênero concordam com o caráter constituído sócio culturalmente dos atributos que impomos aos símbolos de feminilidade e masculinidade.

O termo "gênero" trata-se de uma maneira de indicar "construções culturais", como uma criação social de ideias sobre papéis adequados aos homens e às mulheres. Com a proliferação dos estudos sobre sexo e sexualidade, "gênero" tornou-

se uma palavra particularmente útil, pois oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens (Scott, 1995).

A partir destes atributos, construímos um universo simbólico, que está implícito também nas formas de organização do mundo do trabalho. Segundo Hirata (2014), o modo como as pessoas vivenciam as desigualdades nos seus ambientes de trabalho, são diferentes em termos de gênero.

Muitas vezes, o gênero de quem ocupa determinada profissão acaba sendo motivo da desqualificação e nem sempre o trabalho desenvolvido em si (Colaço, 2008). A presença de mulheres no mercado a cada dia se amplia significativamente, porém é possível identificar que mesmo com uma escolaridade mais elevada, elas recebem salários menores que os homens, o que agrava a desigualdade entre os gêneros (LAVINAS, 1997). Diversos estudos mostram que a participação das mulheres no mercado de trabalho tem se mantido em números elevados, porém elas estão mais presentes em ramos ocupacionais menos prestigiados (DANIEL, 2011).

[...] a ordem de gênero, transversal à engenharia, classifica/reclassifica e hierarquiza áreas de conhecimento e áreas de trabalho, atividades, atribuições e posições hierárquicas como mais ou menos masculinas ou femininas e as valoriza de forma diferente (Lombardi, 2006, p.199).

Para Bruschini (2006), o mundo do trabalho se organiza a partir de uma divisão sexual, separando as atividades mais adequadas para homens e para mulheres. Young (1996), por sua vez, afirma que a divisão do trabalho, ao mesmo tempo em que possibilita que as mulheres possuam renda própria, ela constrange a maneira delas se inserirem no trabalho facilitando a entrada em algumas áreas e dificultando em outras.

Costa (2014) descreve que quando as mulheres conseguem obter espaço em carreiras tidas como masculinas sua desvalorização se expressa por meio dos baixos salários e más condições de trabalho, além das situações em que elas são expostas ao assédio tanto moral quanto sexual.

Então, nos perguntamos sobre o trabalho da limpeza urbana vivenciado pelas mulheres garis. Como vimos, preconceitos, discriminações e valores negativos são atribuídos a estes profissionais. Podemos defender então, que tanto profissionais homens como mulheres, dia após dia, precisam enfrentar tais adversidades: tornam-se seres invisíveis, desvalorizados, discriminados. Sendo assim, este trabalho busca compreender este universo de trabalho, refletindo sobre sua organização em termos

de gênero e questionando sobre as possíveis implicações no trabalho para a saúde das mulheres garis.

Resultados/ Discussão

As informações reunidas nesta seção, foram encontradas na observação participante e nas entrevistas semiestruturadas que fizemos com os profissionais garis, homens e mulheres. Os profissionais, que participaram de nossa pesquisa, podem ser caracterizados como maioria morenos e pardos (segundo auto declarações), localizados na faixa etária entre 30 e 60 anos, residem em Ceilândia e são, em grande maioria, chefes de família (Quadro 1).

Quadro 1. Caracterização dos profissionais garis participantes da pesquisa.

Participante	Idade	Raça/cor	Local de moradia	Tempo de trabalho
Greicy	38	Pardo	Ceilândia Sul	5 Anos
Gabi	56	Morena	P Sul Ceilândia	2 Anos e 4 Meses
Isa	38	Morena	Setor O	4 Meses
Raimunda	48	Morena	Sol Nascente	2 Anos
Isana	40	Morena	Sol Nascente	6 Anos
Chargas	47	Pardo	Qnq Ceilândia	16 Anos
Francisco	56	Pardo	Ceilândia Norte	10 Anos
Felipe	49	Pardo	Expansão Do Setoro	1 Ano e 6 Meses
Antonio	27	Branco	Sol Nascente	5 Anos
Danilo	50	Moreno	Sol Nascente	6 Anos

Fonte: elaboração própria.

Dividimos a apresentação dos resultados e discussão, a partir de temáticas tratadas na produção dos dados, buscando sinalizar possíveis pistas para respondermos nossos objetivos específicos e nosso objetivo geral. Deste modo, em primeiro lugar apresentamos, como é o trabalho dos garis nas seguintes dimensões do cotidiano e organização deste; as percepções que os profissionais destacam sobre este trabalho; os desafios e dificuldades que observam no processo de trabalho. Em seguida, trazemos alguns dados e reflexões sobre as relações de gênero neste universo do profissional. Depois, destacamos algumas das concepções de saúde que os profissionais possuem. Por fim, apresentamos uma síntese sobre gênero nas

relações de trabalho nesta profissão e suas possíveis implicações para a saúde das mulheres garis.

1. O trabalho do Gari

1.1. O cotidiano de trabalho

De acordo com os profissionais, o gari trabalha com a limpeza das vias públicas, sendo responsável por varrer diariamente ruas, praças, parques, avenidas, e vários outros locais públicos. Os profissionais trabalham para que as cidades estejam diariamente limpas e em boas condições de uso.

A jornada de trabalho é composta por oito horas trabalhadas, em três turnos iniciando o primeiro turno de 07:00 às 15:00 e o segundo turno de 15:00 às 23:00 horas e o terceiro turno das 22:00 às 04:00. Todos os turnos tem uma hora para realizar suas refeições. O trabalho é desenvolvido de segunda a sábado, todos os profissionais devem iniciar e finalizar seus turnos batendo o ponto em um local da empresa. “Trabalho de 07:00 chego no ponto de início e às 15:00 bato meu ponto no mesmo local que inicio meu trabalho, chegando em casa as 16:00” (GARI ISA).

O trabalho é desenvolvido em equipe, é dividido em duplas para realização do mesmo, sempre um profissional varre e outro recolhe o lixo com uma pá e uma lixeira, um grande problema identificado pelos profissionais e ausência de intervalos para descanso entre os períodos trabalhados. Cada profissional percorre cerca de um quilômetro e meio recolhendo os resíduos nos locais públicos, porém eles caminham cerca de sete horas por dia. “[...]trabalhamos em dupla geralmente para um varrer e o outro recolher a pá, pois conseguimos concluir a rua toda (GARI CHARGAS).

Paralelo a isso, os profissionais são fiscalizados pelos fiscais ambulantes, estes responsáveis por orientar a maneira exata para a realização do trabalho, fiscalização na qual ocorre durante todo o período trabalhado, qualificando o trabalho prestado. Eles também são fiscalizados pelo global positioning system que em português significa sistema de posicionamento global (GPS). Muitos se sentem constrangidos com a presença do mesmo no carrinho pois restringe a liberdade no trabalho. Além disso, os trabalhadores são proibidos de sentarem no horário que estão exercendo seu trabalho. “Trabalho no período noturno de segunda a sexta, temos uma folga aos domingos, com sábado em horário reduzido das 21:00hrs as 01:00hrs. Dependendo da situação das ruas, temos

GPS nos carrinhos” (GARI CHARGAS). “Existem muitas ameaças se sentarmos ou descansarmos, os supervisores nos demitem. É comum ouvir este relato dos profissionais” (GARI ISA).

A maioria dos profissionais foram contratados através de indicação, ou pelo envio de seus currículos para aqueles que ofereciam uma oportunidade de trabalho nesta empresa. Ao perguntar para os profissionais, qual o maior benefício que esta atividade lhes trazia, as respostas variavam entre a possibilidade de sustento familiar, ou o ticket refeição, ou o plano de saúde, ou a própria garantia por lei aparando todos os direitos da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

Sustentar a minha família. Formar meus filhos foi o maior orgulho da minha vida, fora os benefícios que a empresa fornece, como plano de saúde, foi a melhor coisa que aconteceu em minha vida. O ticket refeição e a garantia dos meus direitos (GARI FRANCISCO).

É importante destacar aqui, a relevância das observações sobre sustentar a família, receber incrementos na renda e o exercício de seus direitos trabalhistas resguardados. Tais observações constituem direitos humanos, direitos fundamentais para a garantir as condições de vida que viabilizem suas existências.

O trabalho é composto por algumas funções, são elas: varredor, que limpa as vias, praças e parques públicos; catador que tem como sua função recolher do chão todos os resíduos; coletor que participa da coletiva seletiva, recolhendo os lixos das casas, prédios, dentre outros; o pintor, que pinta as vias e quadras; e os profissionais que realizam a capina em locais públicos

Nesta breve descrição, é possível constatar que se trata de um trabalho que requer considerável esforço físico. Há, na profissão de gari, uma divisão de tarefas e funções e os profissionais são supervisionados ao longo da execução de seu ofício. Destaca-se a importância que este trabalho possui na vida destes profissionais. Seja pelos ganhos concretos que incrementam suas rendas, ou pela satisfação de sustento familiar, como também pela garantia de poder exercer seus direitos de cidadania. . “Meu trabalho é um trabalho simples de se realizar, temos a nossa escala para exercermos as nossas atividades, limpamos as ruas, capinamos, pintamos as vias, é basicamente isso que realizamos todos os dias” (GARI DANILO).

1.2. Percepções dos trabalhadores acerca do trabalho

Pode-se constatar que o trabalho realizado pelos garis consiste em grandes desafios diários, as condições precárias de trabalho são evidentes, conforme nos sinalizam:

“Poucas condições para desenvolver o trabalho, falta água, não temos banheiro, na época de chuva é difícil arrumar um lugar para nos protegermos totalmente da chuva.” (GARI GABI).

“A maior dificuldade, penso também que é a exposição ao Sol, falta de acesso ao banheiro, água, uniforme que machuca a bota me incomoda muito.” (GARI RAIMUNDA)

Quanto a valorização do profissional podemos observar que não é praticada, devido à má remuneração, pois eles consideram que a remuneração que recebem não é justa e adequada, ou seja não está em conformidade com o trabalho exercido, pois o montante recebido não é capaz de suprir as necessidades básicas dos trabalhadores. [...]A má remuneração, cobram para esquentar nossas comida (GARI ISANA).

Ademais, os profissionais consideram que o ambiente físico do seu local de trabalho é desconfortável no que se refere a realização de necessidades básicas como ir ao banheiro, realizar sua higiene, além da organização e da falta de respeito. Os profissionais se submetem a péssimas condições de trabalho para desenvolver as tarefas diárias, ocasionando assim malefícios que pode futuramente afetar a sua saúde e o bem-estar.

A falta de educação das pessoas não tem, a não valorização dos profissionais, jogam lixo em qualquer lugar pois não tem educação, conscientização da população para não jogar lixo na rua, os materiais que são descartados de forma errada que traz problemas tanto ambientais como humano (GARI CHARGAS).

Nota-se que o fator relacionado a carga horário de trabalho, traz uma insatisfação aos profissionais, mesmo considerando que a quantidade de horas trabalhadas é adequada e ideal para a realização das atividades, porém a exposição ao Sol e a chuva aumenta o cansaço e estresse dos profissionais, sendo esses fatores

negativos para a realização do mesmo. A profissão é oficialmente reconhecida como insalubre devido as exposições diárias. “[...]Recebemos R\$150 de insalubridade por esse risco” (GARI ISANA).

A segurança no trabalho é comprometida para os profissionais que estão expostos a acidentes de trabalho, assaltos e doenças. Os trabalhadores se sentem inseguros em seu horário de trabalho devido a esta exposição.

Ser gari é trabalhar todo dia para manter a cidade limpa, o que muito me traz medo e insegurança os riscos que diariamente eu enfrento, e os preconceitos da sociedade onde a desvalorização é grande em meu trabalho (GARI FRANCISCO).

Quando trabalho nas vias fico com muito medo de ser atropelada devido os carros, os cones, me ajudam muito. As agulhas me fazem ficar muito atenciosa (GARI GABI).

A importância do trabalho é de ampla magnitude, pois são esses profissionais os responsáveis por manter as vias limpas além de impedir diversos acidentes e entupimentos e a proliferação de doenças ocasionados pelo lixo.

É um trabalho muito importante. O lixo vai entupir as bocas de lobo e pode provocar inundações, assim como no viaduto de Ceilândia a água juntou com o lixo e inundou tudo (GARI CHARGAS).

Ressalta-se que, apesar das adversidades percebidas, os profissionais se sentem satisfeitos com sua profissão, pois ela é capaz de trazer dignidade aos profissionais, com o objetivo de sustentar suas famílias garantindo, assim, o cuidado familiar por meio do trabalho, além das construções de amizade que o trabalho proporciona. “Dignidade de poder sustentar minha família” (GARI GREICY).

Mesmo diante de todas as dificuldades enfrentadas, os profissionais se consideram felizes, o que é fundamental para execução do trabalho, pois os tornam capazes de se sustentar e se manter nesta profissão, tão invisível para a sociedade. Dimensão essa de felicidade associada ao sustento, bem-estar, vitalidade, sentido de

vida e coerência. Segundo os profissionais Gabi, Chargas, Francisco, Felipe, Danilo. Se consideram felizes:

“A profissional Gabi considera-se muito feliz, corri muito atrás deste trabalho. O gari Charga me considero muito feliz apesar de todos os problemas enfrentados. Eu consigo honrar através do meu salário minhas dividas. O Francisco sou realizado com minha profissão, apesar de alguns problemas que enfrento. O Felipe me considero feliz com a minha profissão, pois é um trabalho digno. Sou bem tratado na minha empresa e me sinto também feliz por ter um trabalho. Segundo o Danilo apesar dos riscos, eu me sinto feliz por ter um trabalho, e por poder manter as minhas despesas e o meu sustento todo mês’.

1.3. Desafios e dificuldades do trabalho

Os maiores desafios que os profissionais enfrentam para se manter nesta empresa são os fatores climáticos o Sol a chuva que ambos estão expostos a poeira, riscos à saúde devido á exposição a inúmeras doenças, o cansaço pois o trabalho é desenvolvido andando percursos longos. Nas suas falas, os profissionais sublinham com quase unanimidade o quanto que o trabalho é cansativo, devido a longa jornada andando e recolhendo os resíduos. [...]o cansaço, pois ando muito. Sinto falta de ar constantemente (GARI FRANCISCO).

Os fatores climáticos, como a exposição ao Sol e à chuva tornam o exercício do trabalho mais difícil para esses profissionais. As marcas evidentes do Sol são notórias em todos os profissionais deste segmento, outra observação é o baixo fator do protetor solar fator 30 disponibilizado pela empresa. Os problemas relativos aos fatores climáticos foram sinalizados por todos os profissionais, que trouxeram repetidas vezes estas reclamações. Eles acreditam que tais problemas podem trazer males à sua saúde, pois estão diariamente expostos ao Sol, à chuva e raramente encontram lugares para se protegerem.

“O Sol, pois a exposição é muito grande, o cansaço é muito, ando demais. São estes os maiores desafios que enfrento”(GARI ANTONIO).

“O maior desafio eu creio que é a exposição ao Sol, e o preconceito” (GARI RAIMUNDA).

O trânsito também é um grave fator, pois os garis estão expostos e vulneráveis a acidentes. Outro grave problema são os equipamentos de trabalho que são pesados, como o carrinho e pá de lixo, faz com que o trabalhador desenvolva durante sua jornada vários movimentos repetitivos.

Além destas questões, a humilhação e o preconceito da sociedade também são problemas enfrentados diariamente pelos profissionais.

“[...] Enfrento diariamente a falta de educação das pessoas que quando limpamos, sujam o local onde acabamos de limpar. Humilhação e preconceito também enfrento bastante. Mesmo assim gosto bastante do meu trabalho” (GARI ANTONIO).

O preconceito e a falta de educação da população, a forma que tratam os profissionais fazem com que muitos se sintam seres invisíveis. Foi possível identificar no decorrer desta pesquisa que poucas são as pessoas que falam com esses profissionais, tratando assim os garis com nojo, desrespeito e rejeição. A invisibilidade dos garis foi notável nas saídas de campo, uma ideia humana totalmente prejudicada e condicionada à divisão social do trabalho, onde se enxerga somente a função e não a pessoa. Além de outros tratamentos de indiferença, tornando assim esses profissionais estigmatizados pela sociedade por ter contato com o lixo.

“O maior desafio atual é a falta de educação das pessoas, vendo o gari como um ser invisível, colocando o lixo em lugares errados e inapropriados. Todos os dias faço a mesma rota e encontro os mesmos erros todos os dias, muitas vezes jogam os vidros de maneira errada”. (GARI CHARGAS – destaque meu)

Todos os dias os profissionais vivenciam situações de humilhação como quando são xingados, expulsos de locais públicos ou privados. Ao usarem uniforme fora do expediente de trabalho essa humilhação aumenta.

“[...] o ruim é só quando alguém nos humilha” (GARI ISANA).

“[...] nos humilham dando copo sujo para tomar água e não deixa usarmos o banheiro. Sinto que muitos têm nojo de nós” (GARI FRANCISCO).

É possível perceber como os profissionais não se sentem valorizados pela sociedade, pois em grande maioria muitos são desprezados, maltratados, considerados como insignificantes. Não são notados. E são considerados como lixo também por lidarem com esse material no seu processo de trabalho. As colocações aqui apresentadas nos revelam invisibilidade, preconceito, humilhação, repulsa, que os profissionais enfrentam nos seus cotidianos de trabalho. A realidade estudada está em consonância com os outros estudos sobre a temática (NEVES, 2003), esses argumentos confirma a precariedade e desvalorização dessa atividade profissional (COSTA, 2008).

2. Relações de gênero no trabalho do gari

2.1. “Trabalho de gari é trabalho de mulher”

De acordo com o Artigo 113, inciso 1 da Constituição Federal, “todos são iguais perante a lei”. Porém, até hoje, a mulher vem lutando para colocar em prática o direito adquirido por lei. Desde o processo de Revolução Industrial e advento do sistema capitalista na Europa, as mulheres foram se inserindo como mão-de-obra assalariada, no mundo do trabalho.

No entanto, segundo Ramos (2000) A mão-de-obra feminina era utilizada, assim como a infantil, de forma mais precarizada, com salários mais baixos e jornadas extenuantes. Ao longo do desenvolvimento da sociedade industrial, as mulheres foram se organizando em torno de demandas por melhores condições de vida e trabalho. Neste processo, foram se consolidado os direitos trabalhistas das mulheres, conseguiram garanti aumento dos salários e excluir as distinções, proibir o trabalho de mulher grávida e assegurar a mesma de ser demitida por este fato da gravidez (RAMOS,2000).

Ademais, durante os períodos de guerra, quando os maridos iam para a batalha, muitas mulheres também passavam a tomar de conta da família e de seu sustento, além dos trabalhos já existentes em seus cotidianos na esfera doméstica. Com a impossibilidade de muitos homens retornarem as atividades do mercado de

trabalho após a segunda guerra, as mulheres passaram a assumir tais atividades levando adiante as atividades exercidas pelos maridos (PRIORE,1997).

No Brasil, a inserção da mão-de-obra feminina no mundo do trabalho torna-se mais presente após a segunda guerra mundial, sobretudo, a partir dos anos 70. Historicamente os trabalhos destinados à mão de obra feminina eram trabalhos relativos ao cuidado da casa e das pessoas. Além disso, o trabalho que era realizado dentro de casa, não era reconhecido como tal, sendo então invisível e não remunerado (BRUSCHINI, 2006). Fenômeno que não mudou muito até os dias atuais.

Mesmo com conquistas em torno dos direitos trabalhistas das mulheres, a exploração ainda era existente, e por muito anos as jornadas de trabalho da mulher eram longas, as diferenças salariais eram notórias. Estas diferenças eram justificadas pelo fato de que as mulheres eram sustentadas pelos seus maridos, não necessitando do salário para manter a família (SAFFIOTI, 1987).

Segundo Hirata e Kergoat (2007), o trabalho é um meio pelo qual as pessoas encontram condições materiais de sobreviver. Para as mulheres, além de garantir sua subsistência, é o principal modo de garantir sua emancipação no mercado de trabalho. Porém, mesmo com a inserção da mulher tardia no mercado de trabalho, em grande maioria, o trabalho tem sido caracterizado pela precariedade e invisibilidade. Ademais, permanecem imaginários acerca de determinados trabalhos tidos como trabalhos próprios para mulheres, associando tais afazeres à feminilidade, as atividades domésticas são tidas como responsabilidades de mulher, em qualquer que seja sua situação social, sua posição familiar, independente se trabalha ou não fora de casa (BRUSCHINI, 2000). Sendo esse trabalho considerado como fácil pelas pessoas que não realizam o mesmo (ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO, 2012).

Hoje, mesmo com a inserção das mulheres no mercado de trabalho, muitos estudos observam que elas – apesar de exercerem muitas vezes a mesma função dos homens – acabam recebendo salários mais baixos que eles. Isso demonstra uma desvalorização sistêmica da mão de obra feminina (COSTA, 2014).

A atividade desenvolvida pelas mulheres na limpeza. Traz uma associação das construções culturais, que definem trabalhos que devem ser realizados aos homens exercendo atividades de produção e as mulheres as tornam responsáveis pela reprodução e cuidados domésticos (COSTA,2008).

[...] tanto o gênero quanto o sexo são inteiramente culturais, já que o gênero é uma maneira de existir do corpo e o corpo é uma situação, ou seja, um

campo de possibilidades culturais recebidas e reinterpretadas. Nesta linha de raciocínio, o corpo de uma mulher, por exemplo, é essencial para definir sua situação no mundo. Contudo, é insuficiente para defini-la como mulher. Esta definição só se processa através da atividade desta mulher na sociedade. Isto equivale a dizer, para enfatizar, que o gênero se constrói – expressa através das relações sociais (Saffioti, 1992, p.190).

Em nosso trabalho de campo foi possível perceber esta tendência: determinados tipos de funções na limpeza urbana eram funções simbolicamente atribuídas aos homens e outras às mulheres. Assim era com o trabalho de gari – associado por quase todos os participantes como um trabalho de mulheres.

“[...] muitas pessoas acham que ser gari é trabalho de mulher.” (GARI ANTONIO).

“[...] acredito que muitos homens têm preconceito em relação a esta profissão. Muitos dizem que ser gari é trabalho de mulher (GARI FRANCISCO).

“[...] maioria dos homens acreditam que esta profissão seja de mulher, muitos não querem executar esta atividade por este motivo em minha opinião” (GARI ANTONIO).

Tal observação, sinalizada por nossos entrevistados, nos levou ao questionamento sobre ser esta mais um exemplo do desdobramento da divisão sexual do trabalho – que atribui gênero a determinadas funções, situando os sujeitos, segundo o gênero, na organização e divisão do trabalho. Observamos nos relatos que existe uma discriminação sexual e de gênero, quanto à função de gari, que determina que este trabalho seria de mulher.

[...] diferentes momentos constituem um elemento importante de reprodução do padrão de hierarquização do masculino sobre o feminino, dos homens sobre as mulheres e da discriminação dessas últimas no mundo do trabalho e na sociedade (ABRAMO, 2007, p.296).

Um pensamento de que mulher é incapaz para alguns tipos de trabalho ainda é existente para alguns segmentos profissionais. Verifica-se assim uma discriminação

da mulher no mercado de trabalho, sendo notório ainda hoje a diferença salarial entre homens e mulheres (HIRATA, 2014).

Tais imaginários atribuem gênero nos diversos tipos de trabalhos remunerados – em nível simbólico. Assim, existem trabalhos considerados trabalhos de mulher, e outros como trabalhos de homens, no tempo e no espaço, sendo esse fato histórico, capaz de construir identidades no trabalho, baseadas no sexo diferenciando-os. Nessa perspectiva, Kergoat, (2013) afirma que é baseada na força física que repousa a lógica social das práticas masculinas, para as femininas a dedicação, qualificação e paciência são características para desenvolver as atividades.

2.2. Divisão do trabalho a partir de gênero: força e resistência x fragilidade

A divisão sexual do trabalho é a divisão de atividades, tarefas, atribuições para homens e mulheres, sendo então essa divisão capaz de afetar as relações sociais do sexo, caracterizando os homens a exercer atividades pesadas, necessitando de força braçal e as mulheres a reprodutiva, relacionadas as atribuições do cuidado e afazeres domésticos.

“[...] Varrerem melhor as vias que os homens” (GARI CHARGAS).

“Sim, eu vejo que para mulher trabalhar como gari, há mais aceitação na sociedade, devido a mulher ter a responsabilidade de cuidar das atividades da casa e isso se aproxima um pouco do que fazemos na rua” (GARI FELIPE).

A organização do trabalho de gari é realizada através da divisão de cargos e funções, que são ocupados por homens e mulheres, dividindo então, conforme suas habilidades e tarefas. As mulheres principalmente exercem atividades que são menos valorizadas nesta profissão e que estão associadas às atribuições femininas. Em suas jornadas estão varrendo, recolhendo e juntando o lixo, já os homens realizam a coleta seletiva, pintura, capina serviço esse que necessita de muito esforço físico.

“[...]A coleta seletiva, correr atrás do caminhão, mulheres não realizam está atividade, capinar e pintar as vias, mulheres não conseguem realizar” (GARI ANTONIO).

Ao longo dos séculos podemos observar que as atividades têm sido marcadas e realizadas de acordo com o sexo, desta maneira que vem construindo assim profissões masculinas e femininas na sociedade. Percebemos que os homens entrevistados acreditam que o baixo número de profissionais do sexo masculino é devido ao preconceito.

“[...]Os homens têm um pouco de preconceito de trabalhar como gari pois os homens associam a limpeza como trabalho de mulher, na minha equipe tem 40 mulheres e uns 5 homens” (GARI GREICY).

As mulheres assumiram, em quase sua totalidade, as atividades de limpeza. Nota-se, uma diferença na concretização das atividades exercidas em relação aos homens. Segundo os profissionais homens a profissão é tida como tranquila e leve para eles.

“[...]o trabalho é bem leve comparado a outros trabalhos, ou até mesmo o trabalho que anteriormente eu tinha” (GARI ANTONIO).

“[...] é um trabalho fácil de se realizar, só é necessário manter o cuidado e usar os itens de proteção” (GARI CHARGAS)

Apesar disso, o trabalho também é definido muitas vezes como árduo e não apropriado a mulheres devido a jornada de trabalho e utensílios pesados para realizar o mesmo, existem preconceitos que limitam o exercício das mulheres. Neste contexto o trabalho das mulheres garis é considerado improdutivo e desvalorizado, segundo Colaço (2008) os profissionais que ocupam essas atividades são devido a desqualificação profissional, o baixo nível escolar. A maioria dos entrevistados nos relatam que as mulheres são tratadas de uma maneira diferente dos homens, onde então conclui-se que o gênero exerce influencias em alguns aspectos relacionados a situação de exposição ao assédio moral.

“[...]uma vez uma fiscal me tratou de uma forma que ela não trataria os homens, sendo que ela quis me humilhar, acredito que se eu fosse homem não passaria por isso” (GARI GREICY).

“[...]já percebi que as mulheres nesta profissão são tratadas diferente, muitas são motivo de chacota, brincadeiras indiscretas e fora os gritos as vezes que as supervisoras dão nelas” (GARI ANTONIO).

Segundo a gari Isana e os garis Felipe e Francisco a fragilidade da mulher é maior que a do homem, acreditam então que o trabalho da mulher é desfavorável comparado ao homem devido a fragilidade daquelas e a resistência destes. A respeito disso eles relatam:

“[...]a mulher é mais frágil que os homens, o que faz ficarmos mais doentes” (GARI ISANA).

“[...]a mulher é mais frágil, corre o risco de adquirir mais problemas de saúde do que os homens, dependendo do esforço físico adoece com mais facilidade” (GARI FELIPE).

[...]pois a exposição que a mulher gari enfrenta, é maior que a do homem, pois a mulher é mais frágil para este serviço que o homem. A exposição climática nos prejudica muito” (GARI FRANCISCO).

A força e a fragilidade, apresentam noções fortes no imaginário do senso comum que aquilo que remete à força é masculino, aquilo que remete à fragilidade, emoção, sensível é feminino. Isso é uma construção simbólica que reproduzimos o tempo todo em nosso imaginário. Partimos de uma explicação pretensamente biológica mas que é, na verdade, cultural. Assim, nos perguntamos: até que ponto essa fragilidade e susceptibilidade das mulheres, no mundo do trabalho, é construído socialmente?

“[...] chegar em casa e ter que trabalhar em casa também. A fragilidade da mulher é maior” (GARI GABI).

As mulheres continuam como as principais responsáveis dos afazeres domésticos, mesmo estando inseridas no mercado de trabalho como mão-de-obra assalariada. Ou seja, essa divisão sexual do trabalho continua sobrecarregando as mulheres com duplas, às vezes tripas jornadas de trabalho, pois na esfera do trabalho não remunerado – que o trabalho doméstico – ainda são elas que executam tais atividades (KERGOAT, 2013).

3. Concepções de saúde dos profissionais

3.1 Visões sobre Saúde.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) define saúde não apenas como a ausência de doença, mas como a situação de perfeito bem-estar físico, mental e social. Portanto, A Saúde está relacionada á uma vida equilibrada e de qualidade ligadas aos aspectos sociais e emocionais.

Conforme a lei Artigo 196 da Constituição Federal de 1988, a saúde é um direito de todos e dever do Estado, sendo assim, cabe as autoridades intervir e priorizar melhores condições para o seu pleno exercício, garantindo e conscientizando o ser humano a alguns fatores primordiais e determinantes para se ter uma vida saudável. Fatores como alimentação adequada, a moradia, o saneamento básico, o meio ambiente, o trabalho, a renda, a educação, a atividade física, o transporte, o lazer e acesso aos bens e serviços essenciais (ALMA-ATA, 1978).

Art. 196. A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação (Constituição Federal Artigo 196).

Um dos fatores essenciais que prioriza o estado físico do ser humano está relacionado ao ambiente de trabalho, onde os desgastes do corpo são determinados pelo tipo de trabalho e pela maneira na qual está organizado, portanto, o esforço físico realizado pode se transformar em elemento patogênico, tornando- se nocivo à saúde.

Conforme a pesquisa realizada referente ao profissional de limpeza Gari, foi relatado por eles a ausência de doenças que caracteriza como fundamental para ter saúde. Estar bem como a concepção de saúde de ausência de doença é consoante com o imaginário biomédico amplo, para além de uma centralização na doença (Almeida Filho, 2002).

Segundo Boorse (1977), o conceito de "condição patológica" formulado nesses termos, aparentemente justifica-se no plano lógico uma definição de saúde como ausência de doença. Essa perspectiva assegura, em última instância, uma distinção "entre saúde teórica, ausência de doença e saúde prática, esta última de certo modo significando a ausência de enfermidade tratável", conforme estabelecido desde "Salutogênese" sentido de felicidade, vitalidade e bem-estar (ALMEIDA FILHO,2002).

Pudemos perceber, diante das falas dos profissionais, que são duas as principais concepções de saúde que manejam nos seus discursos. São elas: saúde como ausência de doença e saúde como produtividade de trabalhar.

“É acordar pela manhã e não ter dor nas costas todos os dias[...]” (GARI ISANA).

“Saúde é você estar todo dia em pé para exercer suas atividades do trabalho, cuidar da família, praticar atividades físicas” (GARI CHARGAS).

Além disso, os profissionais de limpeza urbana pesquisados relataram com unanimidade que este segmento profissional desencadeou doenças diversas no decorrer dos anos trabalhados.

“[...] Repetimos muitas vezes a mesma atividade, o que pode nos adoecer. A exposição diária ao Sol, chuva, que pode provocar algumas doenças. O caminho que percorro pode provocar calo no pé. Insolação”(GARI FRANCISCO).

“Por andar muito desenvolvi facite plantar, exporão, tendinite no tornozelo, eu tinha que trocar a bota, porém eles não deixam por questão de segurança. Sofro muito com dor por este problema. E outro problema é que tenho que andar rápido para realizar meu trabalho” (GARI ISANA).

A visão dos garis entrevistados é que a saúde é ausência de doenças e o que submete os preceitos do artigo 196 existem divergências relatadas em relação aos profissionais em questão, onde se faz notório a presença de enfermidades com o decorrer do trabalho desenvolvido.

3.2 Saúde como possibilidade de trabalhar

Além da noção de ausência de doenças, os profissionais garis também nos contam que ter saúde é poder trabalhar. Neste ponto, podemos perceber o quão importante é a dimensão do trabalho para as pessoas. Nesta perspectiva a saúde consiste no bem-estar do ser humano e o possibilita para o bom desenvolvimento do seu trabalho.

“Saúde é ter disposição para trabalhar, é não sentir dores, depende da saúde para fazer um bom trabalho” (GARI ISA).

Desta forma o profissional deverá se cuidar e buscar sempre a prevenção de doenças, cabe aos órgãos e as empresas designadas a este seguimento incentivar e estimular os seus colaboradores em valorizar o seu bem mais valioso a vida com saúde. Sendo assim, o comprometimento com a saúde do profissional deve ser essencial e eficaz, cabe às empresas ou órgãos buscar a prevenção de risco de acidente no local do trabalho, atender todas as exigências necessárias para o bem-estar do profissional, desenvolver palestras e campanhas de conscientização à saúde no trabalho, prevenir os problemas relacionados a saúde emocional, física e outros.

Vale ressaltar que a saúde favorece o equilíbrio e o bom desenvolvimento de qualquer profissional, favorecendo o exercício com êxito de suas atribuições, o empenho e a dedicação nessas questões fortalece o desenvolvimento das atividades designadas aos profissionais.

Os hábitos adequados para manter uma vida saudável deve ser prioridade, principalmente para o profissional gari, pois necessita de alguns cuidados específicos ligados ao desenvolvimento de suas atividades.

4. Saúde, trabalho e gênero

Diante do exposto, vemos como gênero pode ser uma categoria útil para a compreensão das relações de trabalho, influenciando inclusive a organização do mesmo. A partir de atributos de gênero determinadas funções são compostas por mais ou menos homens, mais ou menos mulheres. Além disso, a própria valorização da atividade exercida – dentro de uma mesma profissão – também nos revela noções de gênero.

Além desta questão, outras reflexões emergem dos nossos dados. As relações de gênero e a divisão sexual do trabalho – que contribuem para a sobrecarga feminina de jornadas de trabalho (trabalho assalariado e trabalho doméstico, não assalariado).

Em um momento da entrevista, Greicy evocou a possibilidade de que esta seria a chefe da família, ao comentar que o trabalho lhe trazia o maior benefício da “dignidade de poder sustentar a família”.

Quando pensamos em contextos de famílias mais pobres, muitas unidades domésticas são compostas por mulheres mães, sem parceiros, e sem auxílio no

sustento familiar. Ou em outros contextos, quando as mulheres podem dividir com outros membros do grupo familiar o sustento material da casa, mesmo assim, são elas as responsáveis pelo trabalho em casa. Trata-se, portanto, de um modo de organização social, baseado em explicações pretensamente biológicas, mas que na verdade mascaram uma estrutura de divisão de tarefas que torna as mulheres mais sobrecarregadas, mais exploradas e mais vulneráveis a adoecimentos. Independente do tipo de função que irá exercer (COSTA, 2008).

A fragilidade da mulher está condicionada a sua dupla, à vezes, tripla jornada de trabalho que apresentam uma sobrecarga de trabalho, que aumenta a potencialidade do cansaço. Aumenta a dificuldade em procurar ajuda nos serviços de saúde. Mas isso não tem a ver com a natureza dos corpos feminino e masculino. Não é biológico, mas construído socialmente, ao longo do processo em que esteve destinada à esfera doméstica, servindo ao cuidado da família e do lar.

Quando perguntamos, sobre quais eram as maiores dificuldades que uma mulher enfrenta para trabalhar como gari, Gabi sinalizou:

“[...] chegar em casa e ter que trabalhar em casa também. A fragilidade da mulher é maior”.

A nossa entrevistada Greicy, teve dois filhos e é solteira. Quando diz sobre a importância do trabalho porque garante dignidade de poder sustentar sua família, está expressando a realidade de uma mulher que sustenta sozinha dois filhos e a casa. Foi criada pela avó, reproduzindo então, por gerações uma estrutura familiar onde o cuidado e a criação tem sido responsabilidade de mulheres. Não há menção à homens, mas à avó, à mãe e ela, como cuidadoras e chefes de família.

“Foi criada pela avó, sua mãe foi morar no Rio de Janeiro, viveu sem os pais, teve dois filhos, teve depressão, faz acompanhamento, se sente segura, capaz não consegue trabalhar confiança, faz o tratamento, é solteira, gosta de dançar, problema de memória” (GARI GREYCE).

Além de Greyce, outra mulher que cuida dos cinco filhos. Novamente não há menção sobre os homens. O que nos leva a supor, de novo, que é ela sozinha quem cuida de sua prole e de sua casa.

“Eu trabalho, pago aluguel, pago para cuidar dos meus cinco filhos, preciso muito trabalhar”(GARI GABI).

Diante dessas colocações, entendemos que, do modo como gênero apareceu nas concepções dos profissionais, duas principais ideias podem fundamentar sua importância nas relações de trabalho deste cenário: a divisão sexual do trabalho e questão da fragilidade feminina versus força masculina. Estas noções emergem como pistas sobre as possibilidades de implicação que as relações de gênero no trabalho de gari podem ter com a saúde destas profissionais.

Se ter saúde é não ter doenças e, além disso, é poder trabalhar, em um contexto em que as mulheres estejam mais sobrecarregadas e vivenciam mais adoecimentos que são muitas vezes provocado pelo ofício de gari, como apontaram os entrevistados isso pode ser explicado por conta destas relações de gênero inseridas no mundo do trabalho.

Vale lembrar ainda que, também por noções de gênero, os homens procuram menos os serviços de saúde, tendem a se considerar fortes o bastante para não precisarem de cuidados médicos – o que pode ser um fator que provoque a sensação de que as mulheres adoeçam mais.

É certo que, ao falar de um tipo de trabalho tão extenuante, como no contexto estudado, a sobrecarga de trabalho é um atenuante de peso para piorar os níveis de saúde do trabalhador.

Considerações Finais

Este trabalho foi um estudo de cunho etnográfico e exploratório. Tiramos possíveis conclusões, que devem ser aprofundadas com novos estudos. Por isso preferimos o termo “considerações” do que conclusão, pois trata-se de um esforço de reflexão crítica sobre as questões de gênero no mundo do trabalho de gari. Dito isto, podemos retomar algumas colocações. O trabalho de Gari que se trata de um trabalho cansativo e adoecedor.

As atribuições do gari estão voltadas na contribuição da limpeza urbana, sua função está condicionada no auxílio de manter e conservar a cidade limpa com dedicação e comprometimento, suas tarefas são sempre desenvolvidas em equipe, sendo essencial no ambiente urbano. O trabalho desenvolvido é monitorado pelos fiscais de maneira sistêmica e possui materiais pesados para sua execução.

O ofício de gari é caracterizado como uma atividade feminina. Ainda assim é considerado uma atividade pesada para as mulheres, o que revela o imaginário de fragilidade feminina versus força masculina apresenta neste cenário.

Mesmo assim, procuramos refletir sobre como (ou porque) as mulheres são, muitas vezes, consideradas frágeis para a execução do ofício. Uma possível pista que nos foi apontada trata de suas jornadas que incluem o trabalho fora e dentro de casa. Assim, o próprio trabalho e o acúmulo de tarefas deixam as mulheres mais cansadas, o que evidenciam devido as suas longas jornadas.

Dado que passam as sete horas trabalhadas andando, o trabalho se torna mais cansativo e repetitivo, tornando-se também adoecedor, conforme as inúmeras exposições aos fatores climáticos (Sol e chuva), movimentos repetitivos, materiais perfuro cortantes que podem provocar acidentes, atropelamentos, dentre outros fatores que podem desencadear o adoecimento no trabalho.

Ter saúde, para os profissionais significa a ausência de dores, doenças, e o bem-estar emocional e físico, podendo acordar todos os dias para desenvolver as atividades propostas com êxito e dedicação. Em contrapartida, além dos aspectos já mencionados, a invisibilidade é outro grande desafio enfrentado por este segmento profissional que é o resultado de um longo processo de humilhação, tornando-os capazes de muitas vezes serem considerados como lixo por ter contato com o mesmo, confirmando as condições precárias e desprezadas. Além da exposição deste

trabalhador e a má remuneração existente, sendo pouco reconhecido, o rebaixamento salarial é notório, desvalorizando o profissional.

O serviço de limpeza é executado através de funções divididas, trabalhos que são realizados por homens e trabalhos que são realizados por mulheres. Sendo que as funções das mulheres são varredoras e catadoras e os homens são varredores, catadores, pintores, jardineiros. Desse modo o trabalho é dividido através do gênero.

Diante do exposto, podemos definir o lixo como um dos maiores problemas presentes neste século, apresentando vários desafios e problemas que necessitam ser combatidos, através das políticas públicas e conscientização da sociedade sobre os seus impactos negativos à comunidade.

A noção da fragilidade no trabalho é defendido por excesso ou acúmulo do mesmo, além do desconforto que o ambiente de trabalho traz aos profissionais, que acarreta diretamente na saúde destes. As mulheres possuem uma carga excessiva de trabalho devido suas jornadas dupla ou tripla como os afazeres domésticos que aumenta o cansaço e o estresse das profissionais. Os homens definem o trabalho como tranquilo para ser realizado, não tendo dificuldades para executá-los, considerando-os menos cansativos. Deste modo, gênero aparece como importante categoria na organização das funções, na possível sobrecarga do trabalho das mulheres e é um atenuante para a condição de saúde das mulheres profissionais garis.

Referências

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10004: resíduos sólidos: classificação**. ABNT, 2004.
- ALMEIDA FILHO, Naomar de; JUCÁ, Vlória. Saúde como ausência de doença: crítica à teoria funcionalista de Christopher Boorse. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 7, p. 879-889, 2002.
- ANJOS, L.A.; FERREIRA, J.A., 2001. A avaliação da carga fisiológica de trabalho na legislação brasileira deve ser revista! O caso da coleta de lixo domiciliar do Rio de Janeiro. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, vol. 16, nº3, set./2000. Disponível em: http://www.scielo.org/scielo.php?pid=S0102-11X2000000300026&script=sci_arttext&lng=es. Acesso em: Agosto 2012.
- ABRAMO, Lais Wendel. **A inserção da mulher no mercado de trabalho: uma força de trabalho secundária?**. 2007. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Página 296.
- BANDEIRA, Lourdes Maria; DE ALMEIDA, Tânia Mara Campos. A DINÂMICA DE DESIGUALDADES E INTERSECCIONALIDADES NO TRABALHO DE MULHERES DA LIMPEZA PÚBLICA URBANA: O CASO DAS GARIS 1/THE DYNAMICS OF INEQUALITY AND INTERSECTIONALITIES OF THE WORKING WOMEN OF URBAN HOUSEHOLD WASTE: THE CASE OF STREET SWEEPERS. *Mediações*, v. 20, n. 2, p. 160, 2015.
- BUENO, Luzia et al. **A construção de representações sobre o trabalho docente: o papel do estágio**. FAPESP, 2009.
- BOORSE, Christopher. Health as a theoretical concept. **Philosophy of science**, v. 44, n. 4, p. 542-573, 1977.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Contagem Populacional. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/popul/default.asp?t=3&z=t&o=22&u1=1&u2=1&u4=1&u5=1&u6=1&u3=34>. Acesso em: Novembro. 2017.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Contagem Populacional. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/27032002pnsb.shtm>. Acesso em: Outubro. 2017.
- BRUSCHINI, Cristina. O trabalho da mulher no Brasil: tendências recentes. *Mulher brasileira é assim*, p. 63-94, 1994.

- BRUSCHINI, Cristina. Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não-remunerado. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 23, n. 2, p. 331-353, 2006.
- Bueno, Silvana beatriz. Utilização de recursos informacionais na educação. *Perspect. Ciênc. Inf.*, Belo Horizonte, v. 14, n.1, abr.2009. Disponível em : < <http://www.scielo.br/pdf/pci/v14n1/v14n1a06.pdf>> Acesso em 05/11/2017
- Camino, L.; Maciel, C.; Brandão, C.; Gomes, G. O. (1996). O conhecimento do outro: primeiras explicações em termos de percepção social. In: L., Camino (Eds.). *Conhecimento do outro e a construção da realidade social: uma análise da percepção e da cognição social* (pp. 17-58). João Pessoa: Editora da UFPB.
- CODEPLAN-COMPANHIA, DE PLANEJAMENTO DO DISTRITO. FEDERAL. Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios do Distrito Federal-PDAD-DF-2015. 2015.
- COLAÇO, L. M. M., A Evolução da Sustentabilidade no Ambiente Construído Projeto e Materiais dos Edifícios. 2008. Tese apresentada na Universidade Portucalense para obtenção do grau de Doutor, Porto, 2008.
- COMLURB. Guia de Serviços e Informações. 2009. Disponível em: . Acessado em 27 jun. 2009.
- COSTA, Fernando Braga da. Moisés e Nilce: retratos biográficos de dois garís. Um estudo de psicologia social a partir de observação participante e entrevistas. 2008. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- COSTA, S.G. Saúde, gênero e representações sociais. In: MURARO, R. M.; PUPPIN, A. B. (Org.). *Mulher, Gênero e Sociedade*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2001. p.112-123.
- COSTA, Noélio Martins. A rua como um lar: a invisibilidade de “cidadãos” em situação de rua no centro de Manaus. **RELEM–Revista Eletrônica Mutações**, 2014.
- COULON, Alain. *Etnometodología y educación*. Buenos Aires: Paidós, 1995, página 90.
- Coleção de Leis do Império do Brasil - 1880, Página 86 Vol. 1pt1 (Publicação Original)
- DANIEL, Camila. O trabalho e a questão de gênero: a participação de mulheres na dinâmica do trabalho. *O social em questão*, v. 14, n. 25/26, p. 323-44, 2011.
- DECLARAÇÃO, DE ALMA-ATA. Conferência Internacional sobre cuidados primários de saúde. **Alma-ata, URSS**, v. 6, p. a12, 1978.
- DE FARIAS SEABRA, Giovanni. *Pesquisa científica: o método em questão*. Edunb, 2001.

- DE OLIVEIRA FILHO, João Pacheco. A viagem da volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena. Contra Capa Livraria, 1999.
- DE PINHO, Lisandra Matos; NEVES, Eduardo Borba. Acidentes de trabalho em uma empresa de coleta de lixo urbano. 2010.
- DO BRASIL, Senado Federal. Constituição da república federativa do Brasil. **Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico**, 1988.
- FERREIRA, J. A., 1997. Lixo Hospitalar e Domiciliar: Semelhanças e Diferenças - Estudo de Caso no Município do Rio de Janeiro. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz.
- FONSECA, João José Saraiva. Metodologia da Pesquisa Científica. 2002.
- GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. **São Paulo**, v. 5, n. 61, p. 16-17, 2002.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. Editora Record, 1997.
- GUTIERREZ, Gustavo Luis. A burocracia nossa de cada dia: um comentário sobre o livro o que é burocracia de Fernando C. Prestes Motta. **Eccos Rev. Científica Uninove**, v. 5, n. 1, p. 156-161, 2003.
- HEILBORN, Maria Luiza. Articulando gênero, sexo e sexualidade: diferenças na saúde. **O clássico e novo. Rio de Janeiro: Fiocruz**, p. 197-208, 2003.
- HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, 2007.
- HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo social**, v. 26, n. 1, p. 61-73, 2014.
- IDEC, Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor. Lixo: um grave problema do mundo moderno, 2001. Disponível em: http://www.idec.org.br/biblioteca/mcs_lixo. Acesso em: Agosto 2012.
- JÚLIO, Carlos Alberto. Reinventando você: a dinâmica dos profissionais e a nova organização. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- LAVINAS, Lena; VARSANO, Ricardo. Programas de garantia de renda mínima e ação coordenada de combate à pobreza. 1997.
- LOMBARDI, Maria R. Engenheiras brasileiras: inserção e limites de gênero no campo profissional. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 127, 2006.

- MARIANO, Silvana Aparecida et al. Modernidade e crítica da modernidade: a Sociologia e alguns desafios feministas às categorias de análise. **cadernos pagu**, 2008.
- MINAYO, Maria Cecília de. Estrutura e sujeito, determinismo e protagonismo histórico: uma reflexão sobre a práxis da saúde coletiva. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 6, n. 1, 2001.
- MONTEIRO J. H. P. [et al.]. Manual de Gerenciamento Integrado de resíduos sólidos. Rio de Janeiro: IBAM, 2001.
- NBR, ABNT. 10.004 resíduos sólidos: Classificação. **Rio de Janeiro**, 2004.
- NEVES, G.S. A realidade do trabalhador de limpeza pública em Florianópolis. UDESC - Centro de Ciências da Educação. Curso de Graduação – Especialização em Políticas Públicas, 2003.
- NEVES, G.S. A realidade do trabalhador de limpeza pública em Florianópolis. UDESC - Centro de Ciências da Educação. Curso de Graduação – Especialização em Políticas Públicas, 2003. Disponível em: <http://www.sintrasem.org.br/arquivo/9.pdf>. Acesso em Setembro 2017
- NOVOA, Patricia Correia Rodrigues. O que muda na ética em pesquisa no Brasil: Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. **Einstein (São Paulo)**, v. 12, n. 1, p. 7-10, 2014.
- OLIVEIRA, Edenis César; RIZZO, Marçal Rogério. O lixo como questão estratégica Disponível em: < <http://www.ambientebrasil.com.br> > .Acesso em 10/10/2017
- PAZ, SPA. A Competência de estados e municípios em matéria de vigilância sanitária. **São Paulo: IDEC**, 2001.
- PISCITELLI, Adriana. Re-criando a (categoria) mulher. **Textos didáticos**, v. 48, p. 7-42, 2002.
- PRAIA, João; GIL-PÉREZ, Daniel; VILCHES, Amparo. O papel da natureza da ciência na educação para a cidadania. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 13, n. 2, 2007.
- PRATA VIEIRA CHIVA, Angélica et al. Cooperativas de Reciclagem: Solução para o problema do lixo em Campinas. **Revista Ciências do Ambiente On-Line**, v. 2, n. 1, 2006.
- PRIORE, Mary Del e BASSANEZI, Carla. História das mulheres no Brasil. 2. ed. São Paulo : Contexto, 1997.
- RAMOS, Murilo e TORRES, Flávia. Novidade: A igualdade está ficando igual. VEJA, São Paulo, Edição especial, n.48, p.66-70. maio.2000.

- RIZZO, Marçal Rogério; SANTOS, Márcio Gomes. Repensai a geração de lixo e dejetos. *Jornal A Tribuna. Jales*, 27 jan 2008.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B.O poder do macho. São Paulo: Moderna, 1987.000
- SAFFIOTI, Heleieth IB. Reminiscências, releituras, reconceituações. **Estudos Feministas**, p. 97-199, 1992.
- SANTOS, Gemmele Oliveira; SILVA, Luiz Fernando Ferreira da. Estreitando nós entre o lixo e a saúde—estudo de caso de garis e catadores da cidade de Fortaleza, Ceará. **REDE-Revista Eletrônica do Prodema**, v. 3, n. 1, 2009.
- SCOTT, J, Gênero um categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre 16(2), p. 14-22, jul/dez. 1990.
- SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, vol. 16, no 2, Porto Alegre, jul./dez. 1990, p.5.
- SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. Unidade 2—A pesquisa científica. **Métodos de pesquisa**, p. 31-42, 2009.
- SIQUEIRA, Mônica Maria; DE MORAES, Maria Silvia. Saúde coletiva, resíduos sólidos urbanos e os catadores de lixo. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, n. 6, p. 2115-2122, 2009.
- SEABRA, A.; MAIA, J. A.; GARGANTA, R. Crescimento, maturação, aptidão física, força explosiva e habilidades motoras específicas. Estudo em jovens futebolistas e não futebolistas do sexo masculino dos 12 aos 16 anos de idade. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 1, n. 2, p. 22-35, 2001.
- YOUNG, Iris M. Gender as seriality: thinking about women as a social collective In NICHOLSON, L.; SEIDMAN, S. (orgs.). *Social postmodernism: beyond identity politics*. Cambridge University Press: Cambridge, 1996.

Anexo 1- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



Prezada(o) _____, este é um convite para participar da pesquisa de Conclusão de Curso, intitulada: TRABALHO, GÊNERO E SAÚDE ENTRE AS PROFISSIONAIS GARIS, que realizaremos na Ceilândia/DF. Sua participação é muito importante.

Pretendemos discutir como é a organização do trabalho de garis e como ele influencia na saúde das mulheres garis desta localidade. Registrarei nossas conversas e observações em um diário. Também gostaríamos de fazer uma entrevista com a (o) Senhora (o), caso você concorde. Antes de concordar, gostaríamos de esclarecer todas as tuas dúvidas, de modo que possa decidir tranquilamente sobre sua participação.

Informamos que você pode se recusar a responder qualquer pergunta ou a participar de qualquer momento. Também será muito importante que a (o) Senhora (o) sinalize, caso se sinta constrangida (o) ou desconfortável em qualquer momento da pesquisa. Você pode desistir de participar em qualquer hora, sem nenhum prejuízo.

Não há pagamento por sua colaboração. As entrevistas serão realizadas no seu trabalho ou em qualquer lugar que desejar. Apenas pedimos que seja em ambiente reservado e seguro, para que você possa se sentir à vontade e que tenhamos qualidade na interação.

Os resultados da pesquisa serão divulgados para vocês que desejarem participar, além da apresentação na Universidade de Brasília (UnB), podendo ser publicados posteriormente. Os dados e materiais utilizados ficarão sobre a guarda do pesquisador responsável, Jonatham Yousef Santana Ali, CPF: 045207101-11, e-mail: jonathanyousef@hotmail.com, – a quem você pode contatar no momento que desejar.

Se você tiver qualquer dúvida em relação a esta pesquisa, por favor entre em contato com o CEP/FCE/UnB em horário comercial, no período de 8:00 às 12:00 e de 14:00 às 18:00, ou ainda com a Profa. Dra. Patrícia de Souza Rezende, pelo telefone (61) 9.81778869 ou com o pesquisador Jonatham Yousef Ali, telefone (61) 9.82623043, no horário das 8 às 12 e das 14 às 18h.

Jonatham Yousef S. Ali

Patrícia de S. Rezende

Participante

Anexo 2- Questionário de entrevistas para os profissionais de limpeza urbana garis da Ceilândia/DF.

1. Dados pessoais

Idade:

Há quanto tempo trabalha aqui?

Onde mora:

Como você se considera em termos de raça/cor?

Pode contar um pouco da tua história?

2. Sobre sua profissão

1. Me conte como é seu trabalho?
2. Como é a jornada de trabalho?
3. Qual maior desafio que você enfrenta para se manter nesta empresa?
4. O trabalho que você tem hoje, como foi que chegou até ele?
5. Qual é o maior benefício que esta atividade que você exerce lhe traz?
6. O que você acha do trabalho que você exerce aqui na Ceilândia?
7. Qual sua maior dificuldade perante a todos os problemas enfrentados nesta profissão?
8. Como a população te trata?
9. Você visualiza preconceito em relação a atividade que você realiza?
10. Você acha que as pessoas valorizam o teu trabalho? Conte mais sobre isso.
11. Você acha que sua profissão tem riscos à saúde?
12. Na sua opinião, qual o maior risco que você enfrenta em sua profissão?
13. Você se considera feliz com a sua profissão?
14. Na sua opinião, as mulheres e os homens são tratados de forma diferente na empresa que você trabalha?
15. Você acha que tem diferença em ser homem ou ser mulher, para realizar este trabalho?
16. Você acha que é tranquilo para uma mulher trabalhar como gari?
17. Quais as maiores dificuldades que você acha que uma mulher enfrenta para trabalhar como gari?
18. Você acha que é tranquilo para um homem trabalhar como gari?
19. Quais as maiores dificuldades que você acha que um homem enfrenta para trabalhar como gari?

20. Existe alguma função neste trabalho que um homem faz e uma mulher não faz?
21. E o contrário? Existe alguma função neste trabalho que um homem executa e uma mulher não?
22. Entre seus companheiros de trabalho, existem mais homens ou mais mulheres? Por que (na sua opinião)?
23. O que saúde pra você?
24. O que é ter saúde no trabalho, pra você? Conte mais sobre isso.
25. Você acha que saúde no trabalho é diferente para o homem gari e para a mulher gari? Me explique mais sobre isso, por favor?
26. Você acha que teu trabalho te traz saúde? Conte mais sobre isso.
27. Você acha que teu trabalho te causa doenças? Conte mais sobre isso.

Há alguma mensagem ou outra informação que você gostaria de nos dizer? (SE VOCÊ DESEJAR COMPLEMENTAR A ENTREVISTA COM OUTRA INFORMAÇÃO)
OBRIGADO PELA COLABORAÇÃO!

Anexo 3- Respostas do questionário dos profissionais de limpeza urbana garis da Ceilândia/DF. Participantes Homens e Mulheres;

1. Me conte como é seu trabalho?

Greicy: Gosto muito do trabalho que realizo, gosto de conversar, aqui tem muitas pessoas bacanas.

Gabi: Apesar do sol, é excelente varrer a rua, através dele comprei minha casa.

Isa: Fácil de se fazer, o que atrapalha é o sol.

Raimunda: Meu trabalho é um trabalho como qualquer outro, temos os nossos pontos para iniciarmos a varrição. Não encontro dificuldades nele.

Isana: Muito cansativo, muito complicado pois estamos trabalhando com o lixo todos os dias. E quase todos os dias somos muitos discriminados e a troca de minha dupla é muito difícil. O mau humor das pessoas me machuca muito. Gosto muito do meu trabalho. Muitos usuários de drogas trabalham conosco, que usam antes do trabalho.

Chargas: Trabalho no período noturno de segunda a sexta, temos uma folga aos domingos, com sábado em horário reduzido das 21:00hrs as 01:00hrs. Dependendo da situação das ruas, é um trabalho cansativo, porém, prazeroso, temos um fiscal que verifica nosso trabalho e também temos GPS nos carrinhos.

Francisco: Ser gari é trabalhar todo dia para manter a cidade limpa, o que muito me traz medo e insegurança. São os riscos que diariamente eu enfrento, e os preconceitos da sociedade onde a desvalorização é grande em meu trabalho.

Felipe: O meu trabalho é um trabalho muito tranquilo, como os outros exige atenção e dedicação. Temos alguns riscos como a exposição ao sol, que pode nos causar insolação, e também por trabalharmos na rua, corremos o risco de sermos atropelados, pois ainda tem muitos motoristas que não respeitam as sinalizações que utilizamos para fazer a limpeza.

Antonio: O meu trabalho é minha garantia para todos os meses pagar meu aluguel e sustentar minha casa. Meu trabalho é cansativo, mas gosto muito dele, tirando os problemas diários. Gosto muito deste trabalho pois é o único que tenho.

Danilo: Meu trabalho é um trabalho simples de se realizar, temos a nossa escala para exercermos as nossas atividades, limpamos as ruas, capinamos, pintamos as vias, é basicamente isso que realizamos todos os dias.

2. Como é a jornada de trabalho?

Greicy: Entro as 07:30, e saio às 14:30.

Gabi: Pego ônibus as 06:00, trabalho até 14:30, chego em casa as 16:30.

Isa: Trabalho 07:00, chego no ponto de início às 15:00, bato meu ponto no mesmo local que inicio meu trabalho, chegando em casa as 16:00.

Raimunda: Entro 07:30 as 14:30 saiu.

Isana: Entro 06:40 até 15:20. Tenho uma hora de almoço. Não podemos sentar e nem tomar café como somos controlados pelo GPS. A maior dificuldade é encontrar um banheiro, pois muitos não querem deixar usarmos os banheiros.

Chargas: Entro às 22:00 e saio às 04:00. (Segunda à Sexta)

Francisco: Entro 08:00 às 12:00, 13:00 às 17:00 Tenho que bater o ponto na empresa.

Felipe: Entro 07:00 até às 12:00. Das 13:00 às 16:00.

Antonio: Entro às 07:00 almoço meio dia, volto às 13:00, bato ponto às 14:50 e às 16:00 vou para minha casa.

Danilo: Entro 08:00 almoço as 12:00, volto 13:00, às 14:50. Bato o ponto 16:00.

3. Qual maior desafio que você enfrenta para se manter nesta empresa?

Greicy: Equilíbrio, como trabalha com todo tipo de pessoas corre o risco de muitos problemas.

Gabi: O desafio do horário de trabalho, sol, o cansaço.

Isa: Desafio, não se sentir bem devido a exposição ao sol.

Raimunda: O maior desafio eu creio que é a exposição ao sol, e o preconceito.

Isana: O sol, a exposição dos carros, pois, muitos não respeitam as sinalizações. Não temos respeito. Muitos garis morrem e estão afastados por acidentes. E o lixo, pois não sabemos o que estamos recolhendo.

Chargas: O maior desafio atual é a falta de educação das pessoas, vendo o gari como um ser INVISIVEL, colocando o lixo em lugares errados e inapropriados. Todos os dias faço a mesma rota e encontro os mesmos erros todos os dias, muitas vezes jogam os vidros de maneira errada.

Francisco: O sol, pois ficamos muitas horas exposto ao sol, o cansaço, pois ando muito. Sinto falta de ar constantemente.

Felipe: O maior desafio é manter a minha saúde bem, pois temos risco de adquirir inúmeras doenças, principalmente por termos contato com o lixo.

Antonio: O sol, pois a exposição é muito grande, o cansaço é muito, ando demais. São estes os maiores desafios que enfrento.

Danilo: O sol e o cansaço. Ando demais.

4. O trabalho que você tem hoje, como foi que chegou até ele?

Greicy: Fui na empresa, no mesmo dia fiz a entrevista, dois dias depois fui chamada.

Gabi: Meu filho me indicou a trabalhar nesta empresa.

Isa: A Colega da minha sobrinha trabalha na Ceilândia e indicou ela para levar o currículo na empresa.

Raimunda: Através de uma colega que é minha vizinha, me incentivou a levar meu currículo.

Isana: Eu trabalhava em um abrigo, porém deixei meu currículo na empresa e no mesmo dia fui contratada.

Chargas: Trabalhava em outro emprego. Fiquei nesta empresa pelo meu desempenho na empresa passada, fui através do meu currículo. Levei meu currículo para a empresa e fui convidado a fazer uma entrevista e fui contratado.

Francisco: Através de um currículo que levei na empresa anterior a esta. Logo após a troca da empresa, continuei aqui.

Felipe: Eu cheguei neste trabalho através da mãe de um colega do meu filho que me incentivou a levar o currículo para trabalhar como gari.

Antonio: Fui indicado por uma amiga, onde levei meu currículo para a entrevista e fui contratado.

Danilo: Levei meu currículo para a empresa e fui convidado a fazer uma entrevista e fui contratado.

5. Qual é o maior benefício que esta atividade que você exerce lhe traz?

Greicy: Dignidade de poder sustentar minha família.

Gabi: Ticket refeição (760,00).

Isa: O convênio.

Raimunda: O maior benefício é o plano de saúde, pois a saúde pública está um caos, e poder ter um atendimento nos hospitais particulares me deixa mais tranquila.

Isana: Os tickets, pois eles me auxiliam muito na criação da minha família.

Chargas: O sustento da minha família.

Francisco: Sustentar a minha família. Formar meus filhos foi o maior orgulho da minha vida, fora os benefícios que a empresa fornece, como plano de saúde, foi a melhor coisa que aconteceu em minha vida. O ticket refeição e a garantia dos meus direitos.

Felipe: O maior benefício em exercer essa atividade, eu posso dizer que é o benefício de ter um salário e não estar desempregado diante de uma crise de desemprego no

nosso país. Eu tenho o meu convênio no qual posso utilizar com mais tranquilidade, sendo assim, não passo pela dificuldade de enfrentar os hospitais públicos.

Antonio: Não estar desempregado, ter uma garantia para pagar minhas contas.

Danilo: Poder sustentar minha família, comprar os remédios e ter um plano de saúde.

6. O que você acha do trabalho que você exerce aqui na Ceilândia?

Greicy: Cansativo e o preconceito.

Gabi: Gosto muito, moro na cidade, o ruim é a população, o tratamento, eles nos tratam indiferente, com nojo.

Isa: Gosto, pelas pessoas do trabalho sou bem tratada, mas na rua nem sempre.

Raimunda: É um trabalho fácil, porém as pessoas costumam sujar mais as vias e muitos não respeitam as nossas sinalizações.

Isana: Cansativo, os políticos em maioria não falam conosco, fazem de conta que somos cachorros, nos tratam mal pelo uniforme, nos períodos eleitorais.

Chargas: É um trabalho muito importante. O lixo vai entupir as bocas de lobo e pode provocar inundações, assim como no viaduto de Ceilândia a água juntou com o lixo e inundou tudo.

Francisco: Complicado, pois enfrentamos o sol, e também os preconceitos, pois quando estamos limpando, tem pessoas que na nossa frente jogam lixo no chão e falam que se não tiver lixo, não trabalho.

Felipe: O trabalho de gari na Ceilândia é muito tranquilo, apesar do grande fluxo de pessoas circulando. Posso dizer que as pessoas aceitam mais o nosso trabalho do que em outros lugares por exemplo, que somos discriminados por estarmos em contato com o lixo.

Antonio: Gosto bastante. Enfrento diariamente a falta de educação das pessoas que quando limpamos, sujam o local onde acabamos de limpar, a humilhação e o preconceito também enfrento bastante. Mesmo assim gosto bastante do meu trabalho.

Danilo: É um trabalho tranquilo, porém, ainda encontramos muito preconceito das pessoas, por mexermos com todo tipo de lixo.

7. Qual sua maior dificuldade perante a todos os problemas enfrentados nesta profissão?

Greicy: Bacana, não temos a compreensão da população, acabei de limpar, jogou o lixo no chão.

Gabi: Idade, o sol é minha luta diária pela minha sobrevivência.

Isa: No físico, devido ao sol e no horário de trabalho não poder sentar.

Raimunda: A minha maior dificuldade é a exposição ao sol, e o preconceito.

Isana: Sol, a humilhação da sociedade, cansaço, os preconceitos, a falta de banheiro, a má remuneração, cobram para esquentar nossas comidas, tem uma padaria que não permite nossa entrada e não esquentar nossa comida, padaria que fica em uma praça de Ceilândia.

Chargas: A falta de educação das pessoas não tem a valorização dos profissionais. Jogam lixo em qualquer lugar pois não tem educação. Conscientização da população para não jogar lixo na rua. Os materiais que são descartados de forma errada que traz problemas tanto ambientais como humano.

Francisco: O Sol, os preconceitos, a má remuneração e a falta de conscientização da população.

Felipe: A maior dificuldade creio que seja o cuidado em manusear o lixo, pois corremos o risco de ter o contato com algo que possa nos cortar, por exemplo, cacos de vidro, lâminas, entre outros. E também o risco de sermos furados por agulhas e sermos contaminados.

Antonio: A exposição ao sol, o cansaço, a falta de banheiros e local para tomar água.

Danilo: Minha maior dificuldade é pela exposição ao sol e o contato com todo tipo de lixo.

8. Como a população te trata?

Greicy: Em maioria nos trata mal, tem nojo, não deixa usar o banheiro.

Gabi: Não tenho o que relatar, sempre fui muito bem tratada.

Isa: Algumas pessoas são gentis outras mal-educadas pois não colaboram para se fazer a limpeza no local.

Raimunda: Uns me tratam com respeito, porém tem outros que me tratam como se eu não existisse, e nem estivesse exercendo um trabalho honesto.

Isana: Em maioria nos tratam mal. Quando falamos com as pessoas, elas geralmente não nos respondem. Mas tem pessoas que nos elogiam pelo trabalho.

Chargas: A maioria nos trata como uma pessoa invisível, ninguém sabe quem você é, não recebemos bom dia, boa noite. As pessoas mudam de comportamento diário conosco, onde nos xingam. Um senhor queria que recolhíamos o lixo do comércio dele cheio de alimentos, o que seria impossível pois só temos o nosso carrinho, então ele nos agrediu com palavras, eu e minha colega. Trabalhamos em dupla geralmente para um varrer e o outro recolher a pá, pois conseguimos concluir a rua toda.

Francisco: Grande maioria me trata muito bem, mas tem aqueles que nos tratam como lixo, jogam lixo em nossa frente e não tem educação, nos humilham dando copo sujo para tomar água e não deixa usarmos o banheiro. Sinto que muitos têm nojo de nós.

Felipe: No geral, somos bem tratados, mas ainda há o preconceito de muitas pessoas, pois mexemos com lixo, e isso faz com que as pessoas tenham discriminação.

Antonio: Em grande maioria a população me trata bem. Mas ainda tem pessoas que nos destratam e nos humilham. Pedi água uma vez para uma mulher, e ela disse que eu podia ficar com o copo de presente, me senti destrutado, mas faz parte. Fiquei muito triste também quando pedimos para usar o banheiro, muitas pessoas dizem que o banheiro está quebrado, ou em manutenção. Tirando isso, nossa profissão é ótima.

Danilo: A maioria das pessoas nos tratam bem. Paramos muitas vezes em casas pedimos água para beber ou até mesmo em comércios. Mas apesar disso, temos pessoas que nos rejeitam pelo fato de mexermos com o lixo.

9. Você visualiza preconceito em relação a atividade que você realiza?

Greicy: Preconceito é mato, muitos olham com cara de nojo.

Gabi: “Sim, teve uma vez que eu entrei numa loja, senti que a moça sentiu nojo de mim.”

Isa: Sim, porque está em contato com o lixo.

Raimunda: Sim, as pessoas têm preconceito porque nós temos contato com o lixo.

Isana: Sim, muitos acreditam que já era para ter acabado isso, mas a cada dia aumenta mais, já fui expulsa da frente de loja, restaurante, pois dizem que atrapalhamos o fluxo de clientes para vermos o preconceito realizado conosco.

Chargas: Algumas vezes sim, geralmente algumas pessoas quando estamos uniformizados nos evitam quando pedimos água e em sua maioria jogam fora o copo. Uma mulher já me xingou de fedorento.

Francisco: Sim, muito, pois tem pessoas que não nos valorizam, acham nosso trabalho desnecessário.

Felipe: Sim, como falei na pergunta anterior, ainda tem pessoas que tem preconceito pela profissão do gari, pois mexemos com lixo, e a sociedade geralmente não nos trata com igualdade.

Antonio: Sim, algumas pessoas têm preconceito pelo fato de que trabalho com o lixo, pessoas no ônibus evitam sentar ao nosso lado, lojistas proíbem que usemos o banheiro e muitas pessoas falam que se não tiver lixo, não tenho trabalho.

Danilo: Sim. Existe o preconceito relacionado a limpeza pois, a maioria das pessoas estão adaptadas com mulheres exercendo a profissão. E também o preconceito com o contato com o lixo.

10- Você acha que as pessoas valorizam o teu trabalho? Conte mais sobre isso.

Greicy: Pouco valorizam, a população em si não valoriza o trabalho na rua, falam se não tiver lixo a gente não trabalha, não tem valor para população nosso trabalho.

Gabi: Valorizam, sou muito bem tratada, recebo carinhos, recebo água, gosto muito do meu trabalho.

Isa: Não valorizam, pois, todos os dias eu realizo a mesma rotina e sempre encontro a mesma situação de sujeira.

Raimunda: Não, pois as pessoas não são conscientes em descartar o lixo na lixeira.

Isana: Algumas sim, muitos jogam lixo em nossa frente falam se não tiver lixo nós não temos serviço, costumam a falar “temos que dar trabalho, ou convivo com você”. A maioria que jogam lixo em nossa frente são os ambulantes, pedimos a compreensão, mas não adianta. Quando terminamos de limpar, está tudo sujo. Não tem lixeira no centro, o que facilita as pessoas jogarem o lixo no chão.

Chargas: Sim, em grande maioria valorizam, nos agradecem relatam que é um serviço digno.

Francisco: Algumas pessoas nos valorizam sim, no natal ganhamos muitos presentes, vejo isso como uma forma de nos valorizar. Mas tem aquelas pessoas que nos destratam, e ainda nos tratam indiferente.

Felipe: Sim, nós temos pessoas que nos aceitam bem, mas temos outras que não nos aceitam, e com isso desvalorizam. Muitas também não têm consciência pois jogam muito lixo nas ruas, e isso mostra o quanto desprezam o nosso trabalho como gari.

Antonio: Algumas sim, já fui parabenizado por limpar as ruas, mais é algo não muito comum.

Danilo: Algumas pessoas sim, outras não valorizam pois, se valorisassem e fossem conscientes não descartariam os lixos nas ruas de qualquer forma e em grande quantidade como encontramos diariamente.

11. Você acha que sua profissão tem riscos à saúde?

Greicy: Sim, corremos o risco de morte no trânsito, mesmo estando sinalizados.

Lixo apresenta riscos de infecções, riscos em nossa saúde.

Gabi: Existe, quando trabalho nas vias fico com muito medo devido os carros, os cones, me ajudam muito. As agulhas me fazem ficar muito atenciosa.

Isa: Sim, pois mexe no lixo e os carros na via.

Raimunda: Sim, pois somos expostos correndo risco de insolação, varizes, pressão baixa, etc.

Isana: Muitos, trabalhamos com EPI completo, eles usam drogas nas ruas e jogam seringas no chão e também a contaminação do lixo. Em época de chuva a sujeira nos adoece muito. Minha colega já pegou doença, pois a contaminação do lixo nos adoece. Recebemos R\$150 de insalubridade por esse risco.

Chargas: Sim, porque pode-se pegar contaminações, virose, contato com a terra que pode ter urina de rato.

Francisco: Sim, estamos expostos aos carros que podem nos atropelar, fora os riscos de nos contaminarmos com os resíduos do lixo, as agulhas e os vidros.

Felipe: Sim, tem muitos riscos, pois estamos em contato com a exposição do sol, contato com o lixo, também temos o físico que também pode nos causar algum tipo de doença.

Antonio: Sim, estamos muitas vezes expostos a contaminação do lixo, os vidros e as seringas podem nos machucar e corremos o risco também de sermos atropelados, pois os carros muitas vezes quando vamos pintar o meio fio, eles não respeitam a nossa sinalização.

Danilo: Sim, pois além da exposição ao sol, temos um alto risco de sermos contaminados por algum item descartado. O fato de estarmos em pé pode trazer vários tipos de problemas.

12. Na sua opinião, qual o maior risco que você enfrenta em sua profissão?

Greicy: O trânsito, os materiais que são descartados de maneira errada, que podem me cortar, me machucar.

Gabi: As seringas, pois tenho muito medo de me contaminar.

Isa: O maior risco é o assalto e o atropelamento.

Raimunda: O maior risco, além da insolação, é ser atropelado por algum carro nas ruas e avenidas.

Isana: Sol, pois podemos ficar com câncer, insolação, problemas de pele, dentre outros males.

Chargas: O maior risco é ter o cuidado com o trânsito, pois, o gari está sujeito a ser atropelado e também ficar doente devido a alguma coisa que varreu na rua.

Francisco: Os carros, pois muitos aceleram quando nos veem. Já vi amigos serem atropelados em horário de trabalho.

Felipe: Creio que o maior risco seja o contato com o lixo, pois transmite muitas doenças e também o risco de sermos atropelados por alguns motoristas.

Antonio: Os materiais cortantes e o lixo hospitalar, e o descarte dos usuários de drogas.

Danilo: O risco de sermos contaminados por algum objeto, como por exemplo agulhas e também o risco de sermos atropelados nas vias no momento em que estamos trabalhando.

13. Você se considera feliz com sua profissão?

Greicy: Sim, pois o mercado de trabalho está muito difícil de conseguir emprego.

Gabi: Considero muito feliz, corri muito atrás deste trabalho.

Isa: Sim, pois me sinto satisfeita por ter um trabalho.

Raimunda: Sim, pois sei que tenho um emprego, já que no momento o país se encontra em situação de crise.

Isana: Sim, independente de tudo se não tivesse, este trabalho estava sem trabalho. Não busco outro emprego, busco valorização profissional e da sociedade.

Chargas: Sim, me considero muito feliz apesar de todos os problemas enfrentados. Eu consigo honrar através do meu salário minhas dívidas.

Francisco: Sou realizado com minha profissão, apesar de alguns problemas que enfrento.

Felipe: Sim, eu me considero feliz com a minha profissão, pois é um trabalho digno. Sou bem tratado na minha empresa e me sinto também feliz por ter um trabalho.

Antonio: Muito, ela que me mantém de pé, meu sustento, tudo que eu enfrento, vale a pena.

Danilo: Sim, apesar dos riscos, eu me sinto feliz por ter um trabalho, e por poder manter as minhas despesas e o meu sustento todo mês.

14. Na sua opinião, as mulheres e os homens são tratados de forma diferente na empresa que você trabalha?

Greicy: Sim, uma vez uma fiscal me tratou de uma forma que ela não trataria os homens, sendo que ela quis me humilhar, acredito que se eu fosse homem não passaria por isso.

Gabi: Não, se isso acontecer, está fora do meu alcance.

Isa: Não, no tempo em que trabalho não vi diferenças.

Raimunda: Não, todos nós somos tratados da mesma forma.

Isana: Em minha opinião as vezes depende quando eles ficam nervosos, geralmente os fiscais nos tratam diferente por ser mulher.

Chargas: Não, pois a empresa trata as mulheres e homens da mesma forma, muitas vezes deixa de dar um trabalho mais duro para elas porque elas correm o risco de lesionar o braço.

Francisco: Como homem já observei que algumas mulheres são tratadas de forma diferente, pois já presenciei situações que pessoas tratam as mulheres garças com

ignorância, e muitos supervisores tratam as mulheres de uma maneira arrogante, não posso falar nada pois preciso do meu trabalho.

Felipe: Não, na minha opinião todos são tratados bem. Não há indiferenças.

Antonio: Sim, já percebi que as mulheres nesta profissão são tratadas diferente, muitas são motivo de chacota, brincadeiras indiscretas e fora os gritos as vezes que as supervisoras dão nelas.

Danilo: Não, em minha opinião ambos são tratados bem de forma igual.

15. Você acha que tem diferença em ser homem ou mulher, para realizar este trabalho?

Greicy: Sim, pois o trabalho tem alguns instrumentos pesados, como o carrinho que a gente tem que carregar, a pá que é pesada para tirar o lixo do chão, acho que devido à falta de oportunidade esse trabalho é muito masculino.

Gabi: Não, acho que é tudo igual, somente a coleta que eu acredito ser um trabalho mais pesado.

Isa: Não tem diferença, exceto o grupo que utiliza instrumentos para capinar.

Raimunda: Não tem diferença, pois ambos são tratados de forma igual. O que diferencia é só a parte de capinar, pois é um trabalho que exige mais força braçal, no caso dos homens.

Isana: Não, pois já acostumei. Nós limpamos e os homens fazem a capina que é capinar e pintar os meios fios. Um dia uma varre e outro dia uma colhe para não nos cansarmos.

Chargas: Não, pois não há diferença entre homens e mulheres para realizar este trabalho.

Francisco: Sim, a pá é muito pesada, a maioria das mulheres compra outra pá de lixo pois a que a empresa fornece é muito pesada, fora a exaustiva jornada de trabalho que anda muito, realizando o trabalho.

Felipe: Não, eu vejo que a única diferença, é a parte de capinar e coletar o lixo nos caminhões que exige mais esforço físico.

Antonio: Sim, é um trabalho muito puxado para mulheres, até porque a exposição ao sol e o percurso do trabalho é muito grande e chega até ser exaustivo.

Danilo: Não, vai depender da função que ela irá exercer. Se for algo pesado é claro que a mulher não tem condições físicas para realizar, nesse caso entra o trabalho braçal dos homens, um exemplo disso é a parte de capinar.

16. Você acha que é tranquilo para uma mulher trabalhar como gari?

Greicy: Não, pois o trabalho é muito pesado e temos utensílios pesados para trabalhar.

Gabi: Muito tranquilo retirando o cansaço.

Isa: Sim, pois é um trabalho comum que qualquer ser humano pode exercer.

Raimunda: Sim, é tranquilo, apesar que ficamos em pé, e temos a desvantagem do período menstrual.

Isana: É muito estresse pois acostumamos a desenvolver esta função. Sim, o ruim é só quando alguém nos humilha.

Chargas: Sim, pois há respeito para elas trabalharem na questão de por exemplo, varrerem melhor as vias que os homens.

Francisco: O trabalho é pesado para uma mulher. Em busca da sobrevivência elas tem que realizar o trabalho.

Felipe: Sim, eu vejo que para mulher trabalhar como gari, há mais aceitação na sociedade, devido a mulher ter a responsabilidade de cuidar das atividades da casa e isso se aproxima um pouco do que fazemos na rua.

Antonio: Sim, é um trabalho digno para todos, e um meio de sobrevivência, mas muitas pessoas acham que ser gari é trabalho de mulher.

Danilo: Sim, pois é um trabalho como qualquer outro, não é um trabalho pesado então as mulheres podem sim exercer o trabalho de gari.

17. Quais as maiores dificuldades que você acha que uma mulher enfrenta para trabalhar como gari?

Greicy: O sol, pois andamos demais em horários que o sol está forte, às vezes a minha perna dói muito, porém não posso sentar em horário de trabalho.

Gabi: Sol, chegar em casa e ter que trabalhar em casa também. A fragilidade da mulher é maior.

Isa: A maior dificuldade por ser mulher, é de sentir dores, a volta da licença maternidade.

Raimunda: A maior dificuldade é o sol quente, pois nos traz mal-estar.

Isana: Usar o banheiro, pois na maioria não deixam a gente usar, e também nos dão água no copo e manda jogar o copo fora. A mulher me chamou de macaca em frente a delegacia, e no hospital não quis atender pois estava uniformizada.

Chargas: A maior dificuldade de uma mulher trabalhar como gari, é a falta de respeito das pessoas com elas, também a questão de fazer as necessidades fisiológicas, principalmente quando elas estão no período menstrual.

Francisco: A exposição ao sol, carregar o carrinho, a exausta jornada (andando), os riscos do lixo.

Felipe: Creio que seja o esforço físico, o risco de ficar com mal-estar com mais facilidade que o homem, devido também ao calor do sol e do uniforme também. O período menstrual que pode provocar estes problemas.

Antonio: Exposição ao sol, anda muito, o carrinho pesado, repetir várias vezes o mesmo movimento, a pá de lixo é muito pesada.

Danilo: Primeiramente a exposição ao sol, pois causa mal-estar com mais facilidade nas mulheres do que nos homens, principalmente se elas estiverem no seu período

menstrual, o fato de ficar em pé, causa varizes e dores na coluna, o fato de empurrar o carrinho que é um pouco pesado.

18. Você acha que é tranquilo para um homem trabalhar como gari?

Greicy: Sim, comparado a outros trabalhos este trabalho é muito tranquilo.

Gabi: Sim, super leve. “Tranquilo, é como é.”

Isa: Sim, pois temos que usar muita força braçal.

Raimunda: Sim, é muito tranquilo pois não é um trabalho difícil de se fazer.

Isana: Sim, muito tranquilo, melhor que outro trabalho.

Chargas: Sim, não há nada que impeça de um homem trabalhar nessa atividade.

Francisco: Muito tranquilo, tirando o preconceito que vivemos.

Felipe: Sim, eu acho muito tranquilo. É um trabalho fácil de se realizar, só exige cuidado e atenção como qualquer outro trabalho que o homem pode realizar.

Antonio: Sim, o trabalho é bem leve comparado a outros trabalhos, ou até mesmo o trabalho que anteriormente eu tinha.

Danilo: Sim, pois é um trabalho fácil de se realizar, só é necessário manter o cuidado e usar os itens de proteção.

19. Quais as maiores dificuldades que você acha que um homem enfrenta para trabalhar como gari?

Greicy: Em minha opinião a exausta jornada de trabalho, pois todos nós trabalhamos das 6:00 horário que ônibus pega a gente por volta das 14:30 o ônibus leva a gente para bater o ponto, depois que a gente bate o ponto, o ônibus deixa a gente por volta das 16:30.

Gabi: Poucas condições para desenvolver o trabalho, falta água, não temos banheiro, na época de chuva é difícil arrumar um lugar para nos protegemos totalmente da chuva.

Isa: Falta de banheiro. Água, pois nem todos nos fornecem.

Raimunda: A maior dificuldade, penso também que é a exposição ao sol, falta de acesso ao banheiro, água, uniforme que machuca a bota me incomoda muito.

Isana: O sol, pois todos nós estamos expostos ao mesmo fator, mas tem uns meses que nos dão protetor solar com fator 30 que não traz um benefício grande. Nos dão um por mês.

Chargas: Muitas dificuldades enfrentamos diariamente, a exposição noturna tem vários riscos a tiros, assaltos, chuva e insetos, matérias contaminados, etc.

Francisco: A exposição ao sol, corremos o risco muitas vezes de sermos atropelados pelos veículos, a exausta jornada, os materiais cortantes que estamos todos os dias correndo o risco de nos machucarmos.

Felipe: A maior dificuldade é o sol, que na maior parte do dia está bastante quente, e corremos o risco de ter uma insolação, o esforço físico que pode provocar dores no corpo.

Antonio: A exposição ao sol, muitas repetições, risco com os carros, devido ao fato de ser atropelado, mesmo tendo sinalização, falta de banheiro, a água, pois nem todos nos fornecem.

Danilo: As maiores dificuldades são: a exposição ao sol, o risco de atropelamentos, o risco também de cair dos caminhões de lixo no momento da coleta, a falta de água para beber.

20. Existe alguma função neste trabalho que um homem faz e uma mulher não faz?

Greicy: Não, todos conseguem desenvolver este trabalho.

Gabi: Sim, capinagem e coleta seletiva aquela que corre atrás do caminhão.

Isa: Na minha opinião, todos podem exercer a mesma função.

Raimunda: Todos podem exercer a mesma função, exceto que a capinagem precisa da força braçal masculina.

Isana: Sim, pegar e recolher os lixos, realizar a capina, fazer pintura, mas se falar pra fazer, temos que fazer.

Mas geralmente a coleta é só homem, pois um tempo atrás uma mulher teve um acidente e teve que amputar as duas pernas e depois disso nunca mais permitiu mulheres coletar. Ela tem cinco filhos.

Chargas: Sim, coletar lixo, trabalhar no caminhão há mulher não trabalharia, pois é um serviço mais duro, e dependendo também a parte de capinar se for muito difícil para ela, o homem que faz.

Francisco: Sim, a coleta seletiva, pois são muitos riscos que ela traz para as mulheres. Ano passado a empresa proibiu que as mulheres pudessem correr atrás do caminhão, devido um acidente que aconteceu no mesmo ano que uma profissional sofreu um acidente e teve que amputar a perna, depois a empresa proibiu que mulheres realizem a coleta seletiva.

Felipe: Sim, a coleta nos caminhões de lixo, e não são todas as mulheres que conseguem capinar.

Antonio: Sim, a coleta seletiva, correr atrás do caminhão, mulheres não realizam esta atividade, capinar e pintar as vias, mulheres não conseguem realizar.

Danilo: Sim, a coleta seletiva nos caminhões de lixo elas não realizam e também a parte de capinar que depende de uma força física maior dos homens.

21. E o contrário? Existe alguma função neste trabalho que um homem executa e uma mulher não?

Greicy: Não, todos conseguem desenvolver este trabalho.

Gabi: Não.

Isa: Todas as funções ambos podem exercer.

Raimunda: Na verdade, a mulher não faz coleta nos carros de lixo, isso é o que diferencia. E também para capinar como já falei.

Isana: Não, pois o trabalho é mais leve, em maioria só varremos e recolhemos o lixo.

Chargas: Não, pois o que o homem faz a mulher também faz, colher o lixo, varrer.

Francisco: Não, todas as funções nós homens conseguimos realizar.

Felipe: Não, pois todas as funções que a mulher faz, o homem também executa.

Antonio: Não, os homens conseguem executar todas as atividades.

Danilo: Não, pois os homens conseguem realizar todas as funções.

22. Entre seus companheiros de trabalho, existem mais homens ou mais mulheres? Por que (na sua opinião)?

Greicy: Mulheres, porque os homens têm um pouco de preconceito de trabalhar como gari pois os homens associam a limpeza como trabalho de mulher, na minha equipe tem 40 mulheres e uns 5 homens.

Gabi: Mulheres, pois as mulheres são trabalhadoras e a limpeza está mais associada para mulheres.

Isa: Na minha visão tem mais mulheres, pois sempre que tem reunião vejo poucos homens.

Raimunda: Na minha equipe temos mais mulheres, porque eu creio que a varrição é uma parte do trabalho mais tranquila para as mulheres.

Isana: Mulher, pois os homens estão mais na coleta seletiva, porém tem mais mulheres que dão conta do que homens.

Chargas: Geralmente e atualmente, existem mais mulheres, pois talvez a mulher desempenha o papel melhor que o homem.

Francisco: Mais mulheres, acredito que muitos homens têm preconceito em relação a esta profissão. Muitos dizem que ser gari é trabalho de mulher.

Felipe: Geralmente as equipes são compostas com mais mulheres que homens, acredito que pelo fato de os homens na empresa serem remanejados para serviços mais pesados.

Antonio: Mulheres, pois a maioria dos homens acreditam que esta profissão seja de mulher, muitos não querem executar esta atividade por este motivo em minha opinião.

Danilo: Sim, na minha opinião vejo, que a parte de limpar as ruas, tem mais mulheres que os homens, por ser ainda um trabalho que muitos homens ainda acham que só as mulheres podem realizar.

23. O que é saúde para você?

Greicy: Saúde para mim é estar bem, é não ter dor alguma, é acordar cedo, disposta para trabalhar.

Gabi: “Saúde é tudo” “Preciso dela para enfrentar a barra”

Isa: Saúde é ter disposição para trabalhar, é não sentir dores, depende da saúde para fazer um bom trabalho.

Raimunda: Saúde é ter disposição, é acordar e se sentir bem para exercer as atividades rotineiras, exercer o trabalho com o corpo bem, sem nenhum problema.

Chargas: Saúde é você estar todo dia em pé para exercer suas atividades do trabalho, cuidar da família, praticar atividades físicas.

Francisco: Saúde para mim é tudo, não consigo nem imaginar viver sem saúde. Sem saúde sou impossibilitado de trabalhar. Saúde para mim é trabalhar.

Felipe: Saúde para mim é ter qualidade de vida, disposição, fazer as consultas e exames rotineiros, é não sentir dores, é estar bem para exercer as atividades diárias.

Antonio: Saúde para mim é poder acordar bem todos os dias, poder trabalhar, não sentir dores na coluna.

Danilo: Saúde para mim é ter disposição, estar bem comigo mesmo, com meus exames em dias, ter uma boa alimentação e um bom descanso.

24. O que é ter saúde no trabalho para você? Conte mais sobre isso.

Greicy: Saúde no trabalho para mim é ter muito cuidado para não adoecer.

Gabi: Muito importante, pois se não tiver saúde não podemos trabalhar, tenho plano de saúde o que é muito bom para mim.

Isa: É ter disposição, parar para fazer as necessidades fisiológicas, tomar água.

Raimunda: Ter saúde no trabalho, é você ter os equipamentos de proteção para evitar o contágio a devidos objetos que tem bactérias de doenças altamente contagiosas.

Isana: É trabalhar sem dor, porém é improvável, pois usamos também uma pá de pedreiro, o que faz termos tendinite. Nosso trabalho provoca muitas doenças.

Pá de pedreiro pesada – Carrinho complicado de carregar, mas é mais leve que a pá

Chargas: Ter saúde no trabalho, é ter condições para trabalhar com coisas que te ajudam a ter saúde e cuidar como instrumentos adequados para trabalhar, luvas por exemplo, instrumentos de proteção.

Francisco: Saúde no trabalho é ter condições de todos os dias acordar cedo para realizar minhas atividades. Trabalhar para mim é tudo. A minha saúde no trabalho é o necessário para viver.

Felipe: Saúde no trabalho para mim, é poder fazer aquilo que estiver no meu limite físico e mental, é ter o uso dos objetos de proteção para realizar meu trabalho.

Antonio: Não ficar exposto ao sol durante todo o dia, não fazer várias repetições em horário de trabalho, não ficar exposto aos carros, pode ocorrer acidentes.

Danilo: Saúde no trabalho, é você saber o seu limite de ficar exposto ao sol, o seu limite de carregar ou realizar atividades pesadas, é tirar o tempo certo para descansar

e se alimentar e também fazer as necessidades básicas, bem como também utilizar os objetos de proteção.

25. Você acha que saúde no trabalho é diferente para o homem gari e para a mulher gari? Me explique mais sobre isso, por favor?

Greicy: Sim, pois o homem ele é mais resistente que a mulher, meu maior medo é a alimentação pois, se eu comer algo que me faça mal, eu fico muito doente e por sinal eu fico muito mal.

Gabi: Não, todos têm que ter saúde, caso contrário não consegue viver neste trabalho.

Isa: Não, pois o homem também passa mal devido ao calor.

Raimunda: Não acho que é diferente, pois ambos estão em exposição aos mesmos riscos por estarem em contato com o lixo.

Isana: Não, estamos expostos aos mesmos problemas de saúde, mas a mulher é mais frágil que os homens, o que faz ficarmos mais doentes.

Chargas: Não, pois o que pode acontecer em questões de contaminação com a mulher pode acontecer com o homem também.

Francisco: Sim, pois a exposição que a mulher gari enfrenta, é maior que a do homem, pois a mulher é mais frágil para este serviço que o homem. A exposição climática nos prejudica muito.

Felipe: Pode ser que sim, pois a mulher é mais frágil, corre o risco de adquirir mais problemas de saúde do que os homens, dependendo do esforço físico adoece com mais facilidade.

Antonio: Sim, nós homens temos resistência. Em época de chuva, muitas mulheres adoecem muito. Este trabalho faz que todos nós peguemos muito peso e a jornada árdua de trabalho nos cansa muito. Mais para frente veremos o resultado de hoje.

Danilo: Sim, pois os homens têm mais resistência para enfrentar a jornada de trabalho que as mulheres, mais disposição, mais força braçal.

26. Você acha que teu trabalho te traz saúde? Conte mais sobre isso.

Greicy: Não, porque além das exposições que o meu trabalho traz ao sol, a chuva, ao frio, ao calor, a poeira, muitas vezes no ano eu fico doente devido ao meu trabalho.

Gabi: Não, pego sol no horário ruim, não como bem, não tomo muita água pois a empresa não dá água para nós, mas eu levo água.

Isa: Não, por conta do sol e o contato com o lixo.

Raimunda: Não traz saúde, pois estamos expostos ao sol, ao contato com o lixo e com objetos contaminados.

Isana: Não, pois quando entrei na empresa não tinha problema nenhum de saúde. Hoje desenvolvi vários problemas de saúde pelos movimentos repetitivos. Como: Fibromialgia, tendinite, esporão, problema na mão, dores no corpo, tosse diária, diarreia pela comida exposta ao sol, fico muitas vezes sem comer por conta disso.

Chargas: Sim, pois eu procuro não pegar lixos sem luvas, eu busco sempre estar protegido com os instrumentos de proteção que a empresa oferece.

Francisco: Não, estamos expostos a doenças, acidentes, vermes e lixo.

Felipe: Não acho que traz saúde, porque eu tenho contato com o lixo que pode transmitir muitas doenças para a minha saúde, e se não tiver cuidado posso me machucar com algum objeto descartado no lixo.

Antonio: Não, lixo não traz saúde a ninguém.

Danilo: Não, pois temos contato diário com o lixo e isso não é bom, pois corremos um grande risco de pegarmos alguma contaminação ou adquirirmos alguma doença.

27. Você acha que teu trabalho te causa doenças? Conte mais sobre isso.

Greicy: Sim, devido a poeira que sou alérgica.

Gabi: Sim, igual qualquer trabalho que anda demais e braçal.

Isa: Sim, insolação, desidratação, doenças respiratórias.

Raimunda: Sim, pode nos causar diversas doenças, principalmente por estarmos em contato com o lixo.

Isana: Sim, citei elas; mexer com lixo, lixo cair no olho, seringa nos furar, etc.

Chargas: Sim, todo trabalho causa doença se não for feito com atenção e também porque o trabalho do gari tem uma chance alta de contaminação por ter contato com o lixo.

Francisco: Sim, repetimos muitas vezes a mesma atividade, o que pode nos adoecer. Exposição diária ao sol, chuva, que pode provocar algumas doenças. O caminho que percorro pode provocar calo no pé. Insolação.

Felipe: Sim, a probabilidade de ter doenças é maior do que em outros trabalhos, pois o lixo tem muita contaminação.

Antonio: Sim, devido a exposição ao sol, ando muito, pode desencadear muitas doenças como esporão, calos, insolação, dentre outras doenças.

Danilo: Sim, pois, podemos ficar doentes com mais facilidade, principalmente por termos contato com lixos contaminados e também o fato de ficarmos expostos ao sol e pegarmos uma insolação.

Há alguma mensagem ou outra informação que você gostaria de nos dizer? (Se você desejar complementar a entrevista com outra informação)

Gabi: Preciso que a empresa, nos valorizem mais, aumentar o salário (1210,00 livre), os tickets pois minha família é muito grande.

Anexo 4- Parecer Comitê de Ética

UNB - FACULDADE DE
CEILÂNDIA DA UNIVERSIDADE
DE BRASÍLIA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: TRABALHO, GÊNERO E SAÚDE ENTRE AS P DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: TRABALHO, GÊNERO E SAÚDE ENTRE AS PROFISSIONAIS GARIS DA CEILÂNDIA/DF
Pesquisador: PATRICIA REZENDE **Área Temática:**

Versão: 2

CAAE: 92484418.2.0000.8093

Instituição Proponente: Faculdade UnB Ceilândia - Curso de Saúde Coletiva

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.843.379

Apresentação do Projeto:

A pesquisa busca compreender melhor as relações de gênero no trabalho da limpeza urbana na Ceilândia-DF, e suas implicações nas condições de saúde das mulheres garis, traçando relações possíveis, a partir de suas próprias concepções de saúde. Será uma pesquisa qualitativa. A coleta de dados se dará por meio de buscas documentais, entrevistas semiestruturadas e observação participante com garis desta localidade. Trata-se de um estudo relevante para a saúde tendo em vista, inclusive o exposto pelos pesquisadores: "Este trabalho é pouco reconhecido socialmente. Por isso, os profissionais garis sentem-se invisibilizados, e esta invisibilidade causa uma série de atenuantes à ocorrência de problemas de saúde. Neste contexto, queremos verificar como estes profissionais se sentem. Além disso, vários estudos revelam que as profissões estão organizadas em termos de gênero, e muitas vezes, as mulheres são mais desvalorizadas nas suas ocupações do que os homens, causando diversos processos de adoecimento. Isto posto, queremos compreender as relações entre trabalho e gênero no contexto da limpeza urbana, com os profissionais garis, para verificar como implicam na saúde destes trabalhadores."

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: Discutir as relações de gênero no trabalho da limpeza urbana na Ceilândia – DF, e suas implicações.

Endereço: UNB - Prédio da Unidade de Ensino e Docência (UED), Centro Metropolitano, conj. A, lote 01, Sala AT07/66

Bairro: CEILANDIA SUL (CEILANDIA)

CEP: 72.220-900

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3107-8434

E-mail: cep.fce@gmail.com

UNB - FACULDADE DE
CEILÂNDIA DA UNIVERSIDADE
DE BRASÍLIA



Continuação do Parecer: 2.843.379

na saúde para as mulheres garis desta localidade.

Objetivo Secundário:

- i. Compreender o trabalho da limpeza urbana na Ceilândia.
- ii. Identificar como esta profissão se organiza em termos de gênero.
- iii. Investigar as concepções de saúde das mulheres relativas ao trabalho de gari.
- iv. Refletir sobre as possíveis implicações das relações de gênero no trabalho das mulheres garis para sua saúde.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os pesquisadores registram o seguinte:

Riscos:

Este estudo apresenta uma probabilidade de riscos pois se trata de uma pesquisa com seres humanos. Como a condução da pesquisa será feita apenas com a aplicação de entrevistas e o acompanhamento dos profissionais, os possíveis riscos dizem respeito, sobretudo à dimensão emocional: ao responder as entrevistas, talvez haja algum desconforto com as perguntas, ou mesmo com a presença do pesquisador no seu local de trabalho. Para minimizar estes riscos, ficaremos atentos para a privacidade das pessoas envolvidas neste trabalho e buscaremos horários mais convenientes para a interação, conforme sugerido pelos próprios participantes, de modo que não cause transtornos em suas atividades. Ademais, podemos interromper o andamento da atividade conforme solicitado, a qualquer momento da pesquisa.

Benefícios:

Em termos de benefícios para o participante, a presente pesquisa não conta com nenhum tipo de pagamento, ou benefício material. Contudo, entendemos que a participação pode ter um efeito positivo na vida deste, pois a interação e a demanda de reflexão sobre si e sobre seu trabalho, pode ser importante para sua vida pessoal. Ademais, apesar de não oferecermos benefícios diretos aos participantes, os resultados da pesquisa podem beneficiá-los indiretamente, dado que poderão subsidiar novos estudos e medidas de valorização e melhoria das condições de saúde no trabalho, para estes. Por um imperativo ético, ao final do estudo, voltaremos em campo para apresentar as entrevistas e os principais resultados produzidos, de modo que estes resultados possam ser compartilhados com as/os participantes e questionados pelos mesmos, antes de publicado.”

Endereço: UNB - Prédio da Unidade de Ensino e Docência (UED), Centro Metropolitano, conj. A, lote 01, Sala AT07/66

Bairro: CEILÂNDIA SUL (CEILÂNDIA)

CEP: 72.220-900

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3107-8434

E-mail: cep.fce@gmail.com

**UNB - FACULDADE DE
CEILÂNDIA DA UNIVERSIDADE
DE BRASÍLIA**



Continuação do Parecer: 2.843.379

Página 02 de

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso da Saúde Coletiva do aluno Jonatham Yousef Santana Ali, orientado pela professora Patrícia Rezende.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos foram corretamente apresentados.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações

Defiro o projeto de Pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

Protocolo de pesquisa em consonância com a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Cabe ressaltar que compete ao pesquisador responsável: desenvolver o projeto conforme delineado; elaborar e apresentar os relatórios parciais e final; apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento; manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa; encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto; e justificar fundamentadamente, perante o CEP ou a CONEP, interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1151931.pdf	14/08/2018 15:28:23		Aceito
Declaração de Pesquisadores	CARTA_RESPOSTA_PENDENCIAS_CEP_FCE.pdf	14/08/2018 15:25:19	PATRICIA REZENDE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_novo_com_TelCEP.docx	14/08/2018 14:45:12	PATRICIA REZENDE	Aceito
Orçamento	planilha_custos_recursos_proprios.doc	14/08/2018 14:43:23	PATRICIA REZENDE	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TERMO_DE_RESPONSABILIDADE_PROJETO_GARIS_MAT_FUB.pdf	26/06/2018 16:32:01	PATRICIA REZENDE	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA_CEP_final.docx	26/06/2018	PATRICIA	Aceito

Endereço: UNB - Prédio da Unidade de Ensino e Docência (UED), Centro Metropolitano, conj. A, lote 01, Sala AT07/66

Bairro: CEILÂNDIA SUL (CEILÂNDIA)

CEP: 72.220-900

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3107-8434

E-mail: cep.fce@gmail.com

**UNB - FACULDADE DE
CEILÂNDIA DA UNIVERSIDADE
DE BRÁSÍLIA**



Continuação do Parecer: 2.843.379

Cronograma	CRONOGRAMA_CEP_final.docx	16:30:27	PATRICIA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TERMO_DE_CONCORDANCIA_INSTITUTO_PROJ_GARIS_mat_FUB.PDF	26/06/2018 16:30:07	PATRICIA REZENDE	Aceito
Declaração de Pesquisadores	CARTA_DE_ENCAMINHAMENTO_AO_CEP_Mat_FUB.pdf	26/06/2018 16:29:43	PATRICIA REZENDE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento/ Justificativa de Ausência	Termo_de_autorizacao_de_uso_de_som_de_voz.doc	26/06/2018 16:29:11	PATRICIA REZENDE	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	TCC_JONATHAM_YOUSEF.docx	26/06/2018 16:28:41	PATRICIA REZENDE	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO_MAT_FUB.pdf	26/06/2018 16:25:56	PATRICIA REZENDE	Aceito
Brochura Pesquisa	Lattes_Jonatham_Yousef_Santana_Ali.pdf	05/06/2018 16:41:11	PATRICIA REZENDE	Aceito
Brochura Pesquisa	Lattes_Patricia_Rezende.pdf	05/06/2018 16:40:01	PATRICIA REZENDE	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BRASÍLIA, 24 de Agosto de 2018

Assinado por:
Danielle Kaiser de Souza
(Coordenador)

Endereço: UNB - Prédio da Unidade de Ensino e Docência (UED), Centro Metropolitano, conj. A, lote 01, Sala AT07/66	
Bairro: CEILÂNDIA SUL (CEILÂNDIA)	CEP: 72.220-900
UF: DF	Município: BRASÍLIA
Telefone: (61)3107-8434	E-mail: cep.fce@gmail.com